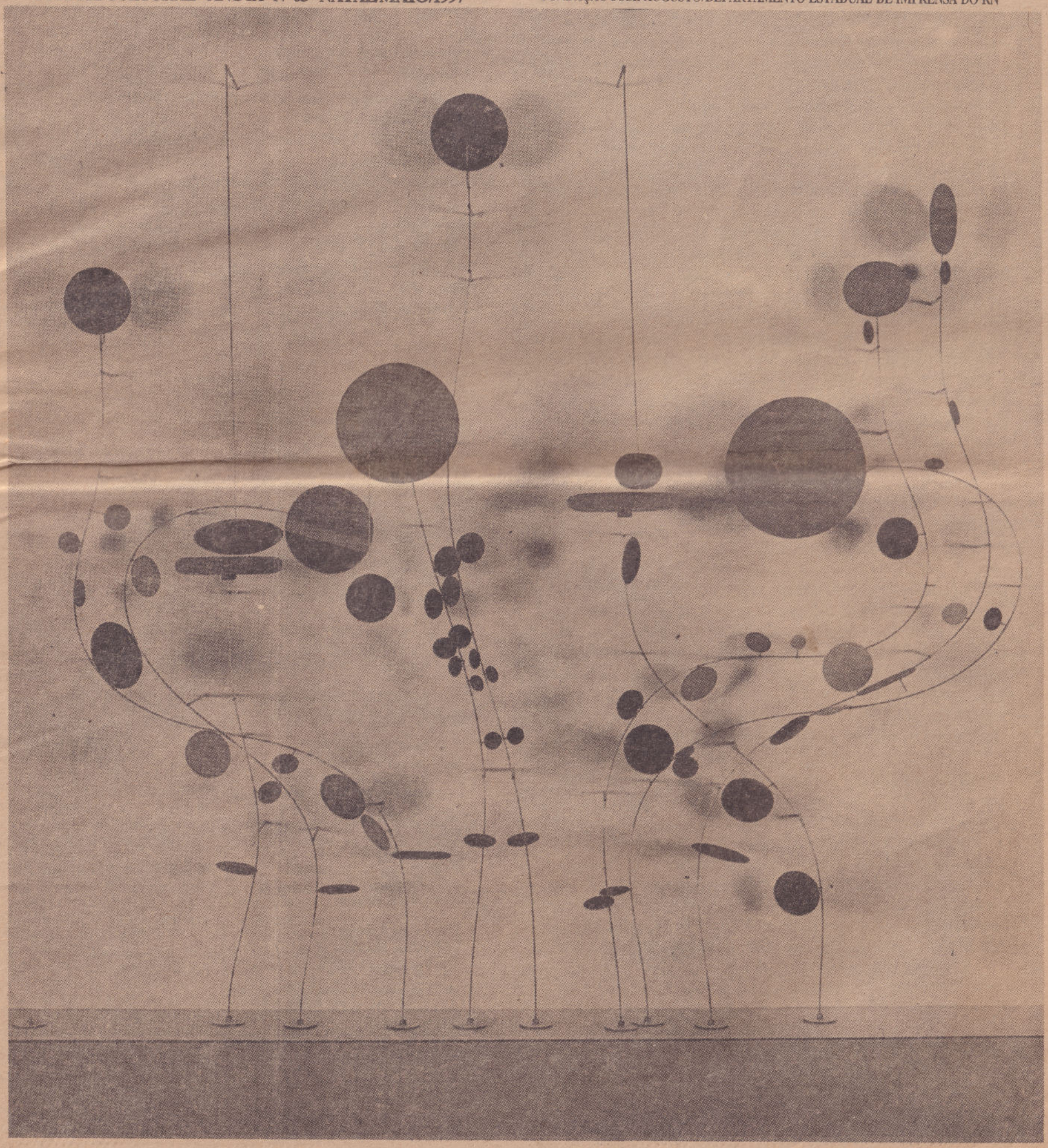
O GALO

JORNAL CULTURAL - ANO IX - Nº 05 - NATAL/MAIO/1997

FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO/DEPARTAMENTO ESTADUAL DE IMPRENSA DO RN



Reconciliação & polêmica

Mais do que uma homenagem, esta edição de maio do cultural O GALO se propõe a ser uma reconciliação, ou melhor, a proposta de uma reconciliação da cultura norte-rio-grandense com um dos seus artistas mais importantes e, não obstante, mais desconhecidos. O II Salão de Artes Newton Navarro, da Fundação José Augusto, que abre neste dia 05 de junho, no Palácio Potengi, em torno da figura de Abraham Palatnik, retoma o espaço de convivência que faltava ao artista em sua terra, e reforça essa proposta. Em torno dele, circulam luminares da crítica de arte e das artes plásticas locais, como que a afirmarem em alto e bom som que o processo de purgação da culpa da indiferença - o maior pecado intelectual! - está prestes a exaurir-se. Doravante, instaura-se a alegria do reencontro, a certeza de que a arte triunfou sobre os equívocos dos juízos e os escolhos sempre singulares enfrentados por toda grande arte.

Para dar esse atestado de pleno reconhecimento, O GALO reuniu uma competente equipe de estudiosos - todos admiradores e tributários da arte de Abraham Palatnik, capitaneados pelo escritor Dácio Galvão, o qual arregimentou em tempo hábil o concurso de Dorian Gray Caldas, Geraldo Edson de Andrade, J. Medeiros e Anchieta Fernandes para, à maneira de cada um, ajudar a pôr sob nova luz, o contributo desse artista que foi um dos primeiros desbravadores da arte cinética, a arte que se move... ou, pelo contrário, o movimento que ascende à condição libertária da arte. A entrevista que o artista concedeu ao pesquisador Dácio Galvão é esclarecedora sob todos esses aspectos, e ajudam, destarte, a iluminar sua trajetória pessoal.

Contrapondo-se ao conjunto de textos enfeixados em torno da figura de Palatnik, esta edição contém a primeira parte (de uma série de três) do texto "Viajante Amoroso - Paráfrase de um Aprendiz" (Sobre Mário de Andrade no RN), de Tarcísio Gurgel, leitura que, com certeza, cativará os leitores habituais d'O GALO pela habilidade com que explora a mirabolante viagem empreendida pelo incansável pesquisador paulista, a convite do então jovem escritor norte-rio-grandense Luís da Câmara Cascudo, nos idos de 1928/29.

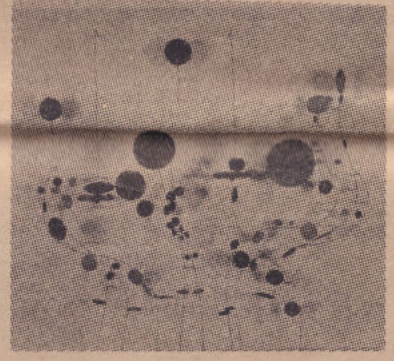
Finalmente, mas não unicamente!, O GALO apresenta com exclusividade aos leitores potiguares o poeta pernambucano Alberto da Cunha Melo, que chega a Natal no dia 12 de junho, para lançar seu novo livro "Carne de Terceira com Poemas à Mão Livre", na Capitania das Artes. Cunha Melo foi eleito pelo polêmico Bruno Tolentino, este ano, o maior poeta vivo do Brasil. Vale conferir.

Atenciosamente,

O Editor

Índice

Desestruturando o Sacralizado.....03
Abraham Palatnik - Luz e Cor.....05
Resgate.....06
Abraham Palatnik.....07
Óperacesa.....08
Abraham Palatnik: Um artista natalense e pioneiro da arte cinética mundial.....10
O Viajante Amoroso (I) Paráfrase de um Aprendiz.....12
Contos Mínimos.....15
Luís Carlos Guimarães: Na maturação de seus Frutos Poéticos.....15
Vana Verba.....16
O Refúgio da Poesia.....17
Genetlíaco para Chico Science.....18
Sem Script.....20
Correio do Galo.....22
23



Capa: Arte de **Abraham Palatnik**

Expediente

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

GARIBALDI FILHO
Governador
WODEN MADRUGA
Presidente da Fundação José Augusto

NELSON PATRIOTA
Editor
TÁCITO COSTA
Redator
AUCIDES SALES
Ilustrador e tráfego

Editoração Eletrônica
BRÍGIDA MAFRA E SOCORRO SOARES

Departamento Estadual de Imprensa
ARLINDO DE MELO FREIRE
Diretor-Geral
JOSÉ WILDE DE OLIVEIRA CABRAL
Assessor de Comunicação Social

Redação: *Rua Jundiaí, 641, Tirol - Natal-RN - CEP 59020.220 - Tel (084)221-2938/ 2212939. A editoria de O Galo não se responsabiliza pelos artigos assinados. Eles não refletem necessariamente a opinião deste jornal.*

Desestruturando o sacralizado

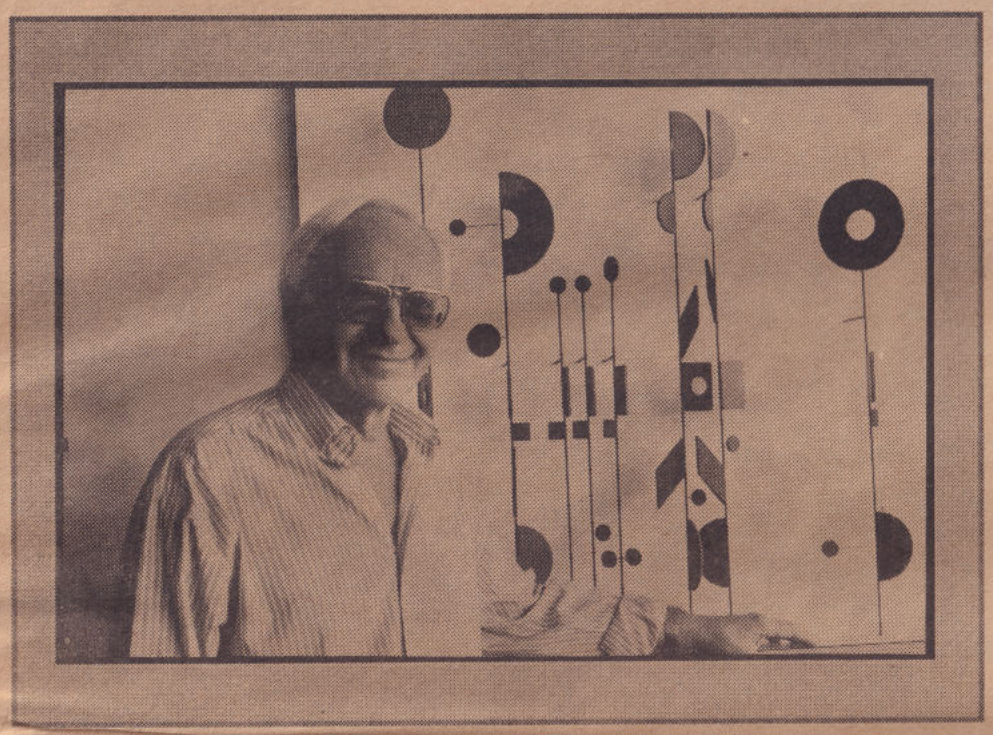


Foto: Cléia Palatnik

Abraham Palatnik

Luz, movimento, cor. Neste trinômio cabe o grosso da produção vanguardista do artista norte-rio-grandense Abraham Palatnik, que é homenageado pelo 2º Salão de Artes Newton Navarro, promovido pela Fundação José Augusto. Criador do Aparelho Cinecromático que abalou a 1ª Bienal de São Paulo, em 1951, e de outros inventos artísticos revolucionários integrantes, hoje, do patrimônio cultural do mundo, Abraham Palatnik explica, nesta entrevista exclusiva que concedeu ao pesquisador e poeta Dácio Galvão, diretor do CEPEJUL da FJA, as diversas etapas que atravessou até à plena maturidade de seu trabalho. Palatnik prega a conciliação da arte com a ciência a fim de ampliar o universo existencial do homem, através da união da percepção, intuição e sensibilidade com a técnica. Para ele, o destino de todo artista é perceber, mais cedo ou mais tarde, a desestruturação do que passa por sacralizado, "na medida em que sua visão se amplia, e sua percepção é ativada". O artista também se confessa muito emocionado com a homenagem que recebe no próximo mês em Natal, no Salão de Artes Newton Navarro.

ENTREVISTA

O GALO: Sendo um dos pioneiros da Arte Cinética como sente hoje as consequências desta expressão estética?

ABRAHAM PALATNIK: Quando em 1949 comecei a pesquisar a luz e o movimento não me situava como pioneiro mas achava que o artista plástico não deveria ser obrigado a fazer apenas pintura, escultura, gravura ou desenho.

Hoje, não só a arte cinética é reconhecida, como também outras manifestações estéticas e a diversidade das obras é surpreendente.

O GALO: A elaboração do "Aparelho Cinecromático" parece ter sido substancial para situá-lo como artista preocupado com o experimental. Qual a real repercussão desta obra, sua história e desdobramento?

PALATNIK: Enviei em 1951 o 1º aparelho cinecromático para a 1ª Bienal de São Paulo. De imediato foi recusado pois não se enquadrava no conceito de arte nas técnicas consagradas às artes plásticas.

Acontece que a delegação japonesa atrasou o envio das obras e alguém se lembrou de ocupar o "buraco" com cinecromático, é claro, sem constar do catálogo oficial da Bienal nem sujeito a prêmios. O juri internacional surpreendeu os organizadores da Bienal fazendo uma menção especial ao meu trabalho como "contribuição importante para a arte moderna e digna de figurar no museu de arte Moderna de São Paulo".

Nas Bienais subsequentes , fui convidado a expor com a mesma condição de participar sem direito à premiação e eu aceitei.

Em 1924 participei da Bienal de Veneza e fui procurado pelo crítico Suiço Belloli. Ele me disse que a informação na Europa era de que os pinoeiros da arte ligada a luz e movimento foram Malina e Schoffer e me asseguou que com os artigos de Mário Pedrosa, Walter Zanini, Jayme Maurício e Antonio Bento datados de 1951, ele iria corrigir esta informação uma vez que estes artistas só começaram na arte cinética anos depois.

No catálogo da 1ª exposição internacional de arte cinética em Paris 1965 na Galeria Denise Rene, meu nome já constava em 1º lugar.

GALO: Sua formação estética ajudou-o a percorrer a "Desconstrução" da arte sacralizada?

PALATNIK: Minha formação estética se deu em Tel-Aviv num atelier livre de Pintura, escultura e desenho figurativo com algumas aulas de história da arte.

De volta ao Brasil tive a exepcional oportunidade de conviver com excelentes artistas com Mário Pedrosa ampliando minha visão e comecei a confiar mais no potencial da minha percepção e menos no "sacralizado". Cheguei a conclusão de que todo artista iria perceber a desestruturação do "sacralizado" na

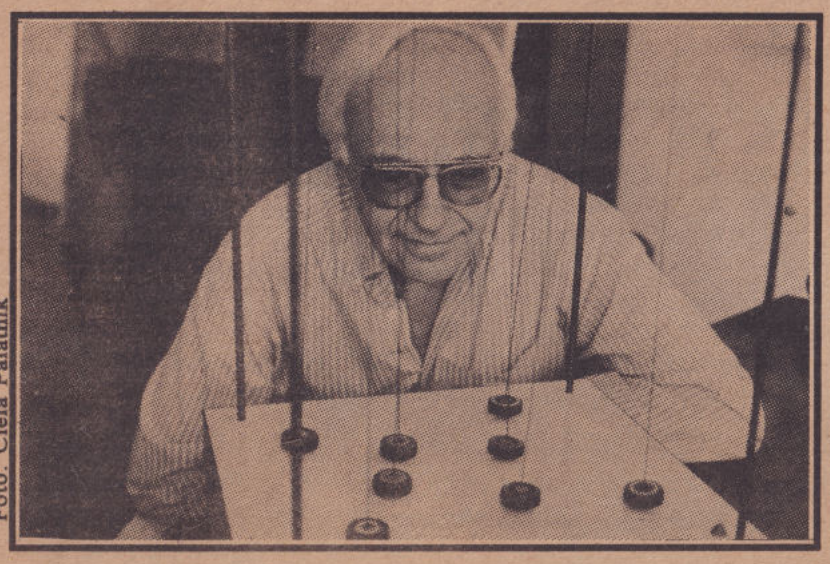


Foto: Cléia Palatnik

medida que sua visão se amplia, e sua percepção é ativada.

O GALO: O cronista Rubem Braga em texto, afirmou que antes do experimental, você projetava uma arte abstrata. A bidimensionalidade antescedeu os processos posteriores?

AP:É verdade. Foram 8 anos de pintura figurativa e um ano de arte abstrata antes de começar com as experiências cinéticas.

O GALO: "Eu procuro no interior da madeira a informação secreta". Esta sua afirmação induz a direção de uma outra linha de pesquisa que não a da luz e do movimento . A madeira seria mais um suporte importante no seu processo de criação artística?

AP: A linha de pesquisa é a mesma luz e movimento são componentes que fazem parte da dinâmica do tempo e do espaço. Os veios da madeira são informações e testemunhos desta dinâmica. Como artista procurei interferir e disciplinar os aspectos que se manifestaram no interior da madeira. Portanto usei a madeira não como suporte mas procurei expor sua própria dinânica como se tivesse vida própria.

O GALO: Tendo inventado e patenteado máquinas para indústria, estudado mecânica e motores a explosão como dá-se a relaçào ciência & arte na sua vida-obra?

AP: A sobrevivência do ser humano depende cada vez mais de sua extensões e nos seu cotidiano é cercado de tecnologias que desenvolveram estas extensões.

A arte é um dos componentes da atividade humana e sua relação com a ciência e a tecnologia é inevitável. Minha atividade também é regida pela união da percepção, intuição e sensibilidade com a ciência e a tecnologia.

O GALO: Uma curiosidade: sua exposição individual no Stúdio "F", ULM, na Alemanha trouxe-lhe algo especial?

AP: Sem dúvida. Esta exposição foi muito visitada e com boa crítica. A partir dai recebi convites para expor em galerias e museus de outros países.

O GALO: Inúmeras exposições no exterior configuram a importância do seu trabalho. O mercado internacional absorve melhor suas propostas?

AP: A divulgação do meu trabalho começou na Europa e depois se estendeu para os Estados Unidos. Não sei dizer se foi melhor, mas foi sem dúvida bem aceita.

O GALO: Obter reconhecimento da crítica nacional e internacional sem abdicar da radicalidade inventiva não é nada fácil. Você e Antonio Dias -PB - transitaram nessa busca e nela permaneceram. Fale um pouco sobre esse trajeto.

AP: A abertura cultural é lenta e os críticos tem suas convicções e restrições as novas manifestações. Acontece que a sequência de convites para expor na Alemanha, França, Suiça, Itália e Estados Unidos desencadeou nos críticos uma abordagem mais cautelosa em suas convições e a aceitação foi melhor do que esperava.

Na verdade eu sentia que o potencial da arte cinética era grande e que estava apenas no começo. O reconhecimento imediato com grande estímulo mesmo na fase inicial das minhas Pesquisas em 1949 foi do crítico de arte Mário Pedroza aqui no Brasil.

O GALO: Sua produção atual? Convites, mostras, novas pesquisas. Como Abraham Palatnik no momento pós-moderno desenvolve sua linguagem construtiva?

AP: Convite para a 1ª Bienal de Arte Visuais do Mercosul em Porto Alegre, 2 de outubro do corrente ano. Retrospectiva no novo Museu de arte contemporânea de Niterói em 1998. Pintura em pequenos formatos. Relevos em cartão. Novos objetos cinéticos em andamento usando metal, cobre, ferro, aço inox.

O GALO: E a produção plástica no Rio de Janeiro - Galerias, Artistas, Museus - suas tendências, etc?

AP: Vejo de maneira muito positiva a participação efervescente de uma geração de artístas extremamente talentosos e criativos das mais abrangentes tendências artisticas que expõem no Rio.

Novos e excelentes centros culturais foram criados como: Centro Cultural do Banco do Brasil, O Paço Imperial que dá uma grande ênfase a arte experimental de novos artistas, como também o espaço privilegiado do NAM, Museu de Belas Artes, Museu da República, Centro Cultural Hélio Oiticica, NAM de Niterói, Galeria Joel Edelstein, Galeria Thomas Cohn, Galeria G B e outros.

O GALO: O fato de ter nascido no Rio Grande do Norte e de estar aqui sendo homenageado provoca-lhe que nível de sensação?

AP: Na verdade, um sentimento de emoção, de saudosas e boas lembranças de Natal, quando criança e a alegria e gratidão pela homenagem.

Obrigado Natal e Fundação José Augusto.

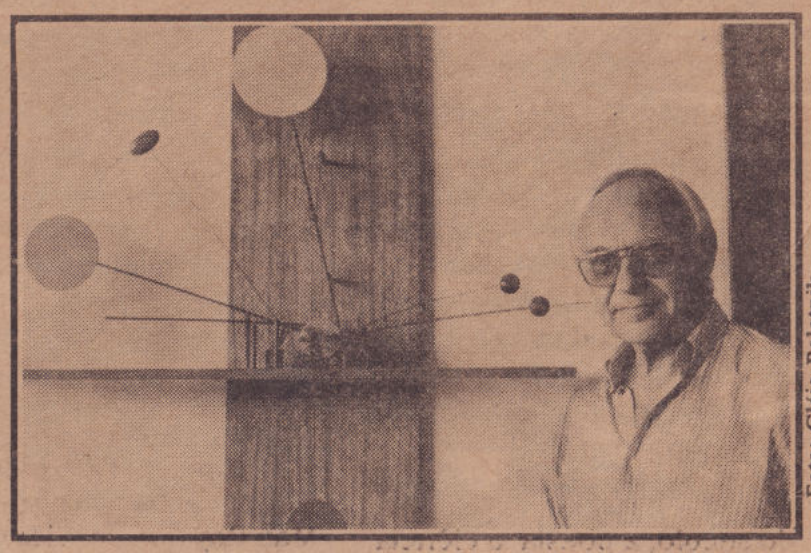
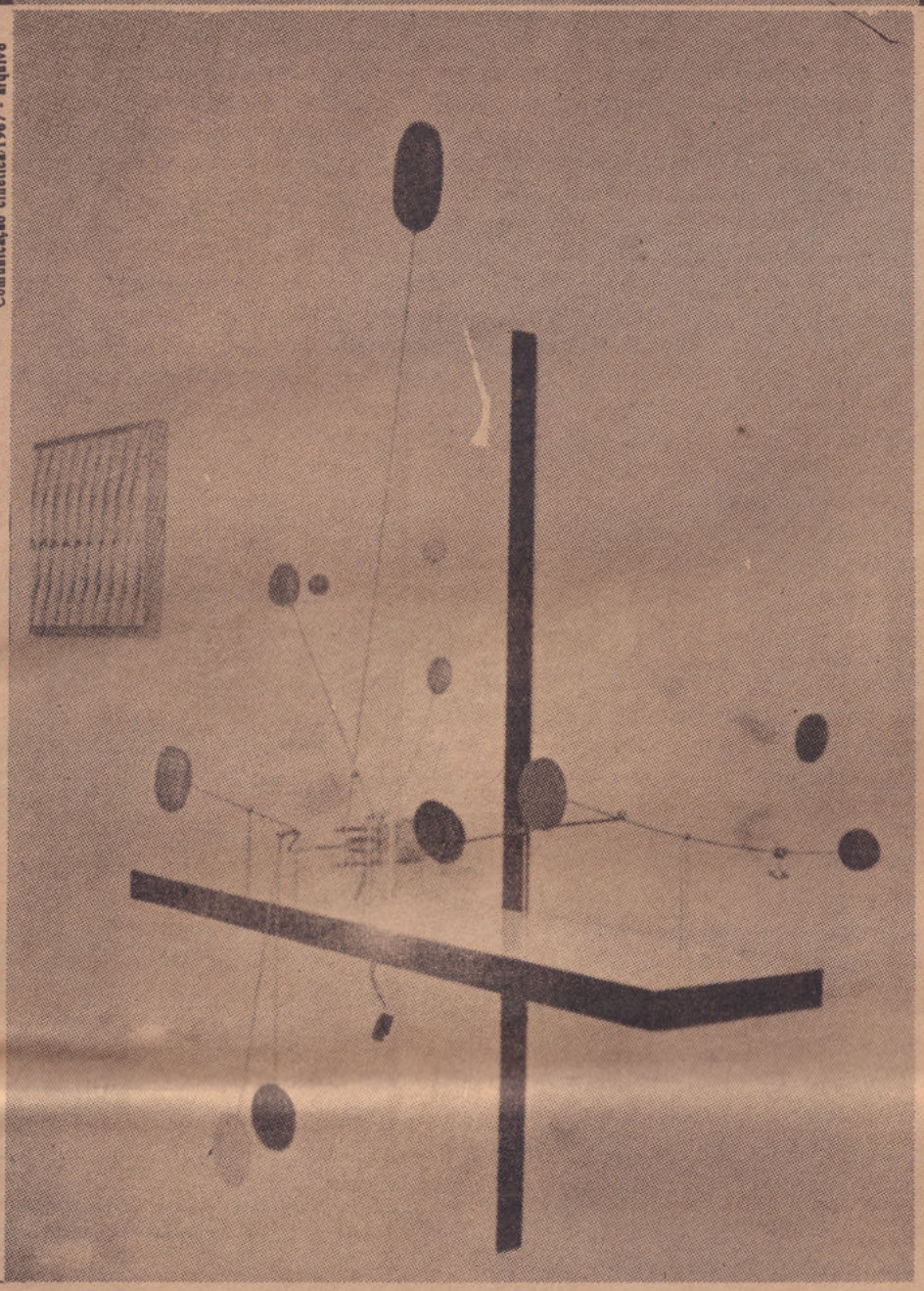


Foto: Cléia Palatnik



Comunicação cinética/1967 - arquivo

ABRAHAM PALATNIK: LUZ E COR

Dorian Gray Caldas

E Conheci Abraham Palatnik no Museu de Arte Moderna no Rio de Janeiro nos anos 50. Na época estava eu influenciado pala pintura abstrata e a arte de Abraham Palatnik com seu aparelho cinético o "cinecromático" era a forma mais avançada (e até hoje parece-me ainda ser) da expressão artística com a sua multiplicidade de cores e movimento; luz e sugestões na dinâmica de imagens aparentemente libertadas do seu criador.

Tendo se formado em engenharia Abraham Palatnik sentiu-se atraído pelas correntes avançadas do movimento da pintura não-objetiva que tinha suporte teórico na revista "Stijl" e fundamentalmente com o neoplasticismo de Mondrian, ainda, Bart van der Leck, Van Doesburg e Vilmos Huszár, e à frente da revista o seu fundador Theo Doesburg. Este grupo foi de vital importância para difundir e teorizar as novas concepções de arte do início do século. Van Doesburg já a aquela época estava convencido que "l'arte del vetro e della luce" seu primeiro manuscrito data de 1918 e era endereçado a Oud, publicado no semanário "Bouwkundig Weekblad".

Para se entender o processo evolutivo de um movimento de arte, suas conquistas e teorias é preciso que se conheça os seus precursores e toda a problemática que gerou a ruptura da tradição ou dos conceitos aceitos durante séculos como postulados de uma verdade imutável. O clima de rebeldia do princípio do século; a poesia, a ciência, as novas descobertas técnico/científicas, a máquina, o aço, as conquistas no campo das relações de trabalho, os avanços tecnológicos iriam influenciar definitivamente as teorias e o fazer do artista do princípio do século e suas inventivas às vezes delirantes. Sem dúvida foram muitos os artistas que no começo do século participaram dessa inventiva. Os "rayogramas" de Man Ray que considerava "o cinema uma arte superior que vale todas as outras juntas, Breton com seu manifesto sobre o surrealismo, as representações de luz e sombra de figurinhas recortadas de Man Ray, as experiências de Marcel Duchamp, descrevendo uma máquina nova, sátira "da maneira a utilizar ao máximo os erros e os acasos", na observação de Sarane Alexandrian, no seu livro "O Surrealismo". Não só estas preocupações com a máquina mas com as luzes também, fazem parte do movimento iniciado com o neoplasticismo e chegado às últimas conseqüências com a arte cinética. Abraham Palatnik que a trouxe para nós com o seu aparelho "cinecromático" e que na época despertou no júri da Bienal de São Paulo a "responsabilidade" diante de sua obra que a considerou "A mais importante manifestação de Arte Moderna".

Nascido em Natal em 19.02.28, ganhava assim a consagração em seu país, tendo já um vasto currículo de exposições internacionais, cursos individuais, no Studio "F" em Ulm, Royal College of Art, Londres, Salon "Comparacion", em Paris, The Tel-Aviv Museum - Mouvement in Art, em Tel-Aviv. No Brasil nos anos cinquenta integrava-se definitivamente no patrimônio da arte brasileira pelo espírito das cores e das luzes, que em nosso país, possuem a exuberância cromática e a expressão da liberdade incondicional.

• • • • • • • • •

1º - Mondrian e de Stijl - L'ideale Moderno. Olivetti Electa. p. 44.
2º - O Surrealismo. Sarane Alexandrian. Edusp Verbo. p. 41.
3º - Artes Plásticas. Dorian Gray Caldas. Verbete. p. 73. 74.

• • • • • • • • •

Dorian Gray Caldas é escritor e artista plástico norte-rio-grandense

RESGATE

Guaraci Gabriel

Degas, Van Gogh não resta a menor dúvida de que alguma das imagens podem produzir certa sensação dinâmica, opondo-se geralmente ao sentido estético predominante ao naturalismo. No entanto, por este caminho podemos nos remontar diretamente ao barroco, onde a sensação de movimento, especialmente nas peças de Bernini, é inclusive mais acentuada, efetiva e clara.

A aparição e desenvolvimento da fotografia supôs um passo importante para os historiadores da arte cinética. Pela primeira vez podia-se descompor objetivamente o movimento de seus momentos.

Já nas esculturas tentaram aplicar os critérios e pretensões dos pintores futuristas, o que resultou difícil, pois a escultura não baseia em imagens nas quais simula o movimento ou apresentá-lo, como fizeram eles, mas em volumes que podem realmente se mover, que são potencialmente móveis; a escultura cinética podemos destinguir duas vias de aproximação: a primeira passa pelo dadaísmo, a segunda pelo que de forma provisória denominamos construtivismo.

A escultura cinética deve estar situada por volta do ano 1913 a 1920. Com a escultura cinética, intitulada o resgate, qque ilustra o texto, faço concreto o meu sentimento em volume a Abraham Palatnik.

...Nem o mecanismo da prática pode fazer uma essencia de artista e nem um artista deve submeter-se aos exercícios da técnica estabelecida, Abraham Palatnik sempre esteve fora de qualquer dever; como a arte serve a época em que foi criada ou muitas vezes antecipar a que virá imediatamente depois.

Palatniz é um testemunho vivo e seu trabalho uma viva transgressão à procura do sistema das formas dinâmico-construtivas, como se não tivesse sentido algum ou apenas o sentido da própria procura. Sua arte é liberta, com necessidade de um clima de confrontação, de emulação e difusão. Seu trabalho tenta captar uma realidade do homem que recebe uma excessiva informação de um mundo que fala demasiado.

Não é fácil abordar detalhadamente, de uma só vez, todas as questões da tragetória de Palatnik, porque a sua obra é algo que ocorre a ele perante si mesmo e perante uma testemunha implacável, sua própria arte, não esqueçamos que original vem de origem, quando utilizamos códigos que podem rastrear-se e nos levam à pré-história. Estes códigos são precisos e livres, estão baseados na percepção e seus limites, bem como na razão a intuição e seus constantes conflitos. A única coisa estável é a persistência da instabilidade.

A melhor forma de compreender o trabalho de Palatnik é olhar com o olho cheio, a criação que olha.

Foto: arquivo Arte: Guaraci Gabriel

Guaraci Gabriel é artista multimídia norte-riograndense

ABRAHAM PALATNIK

Anchieta Fernandes

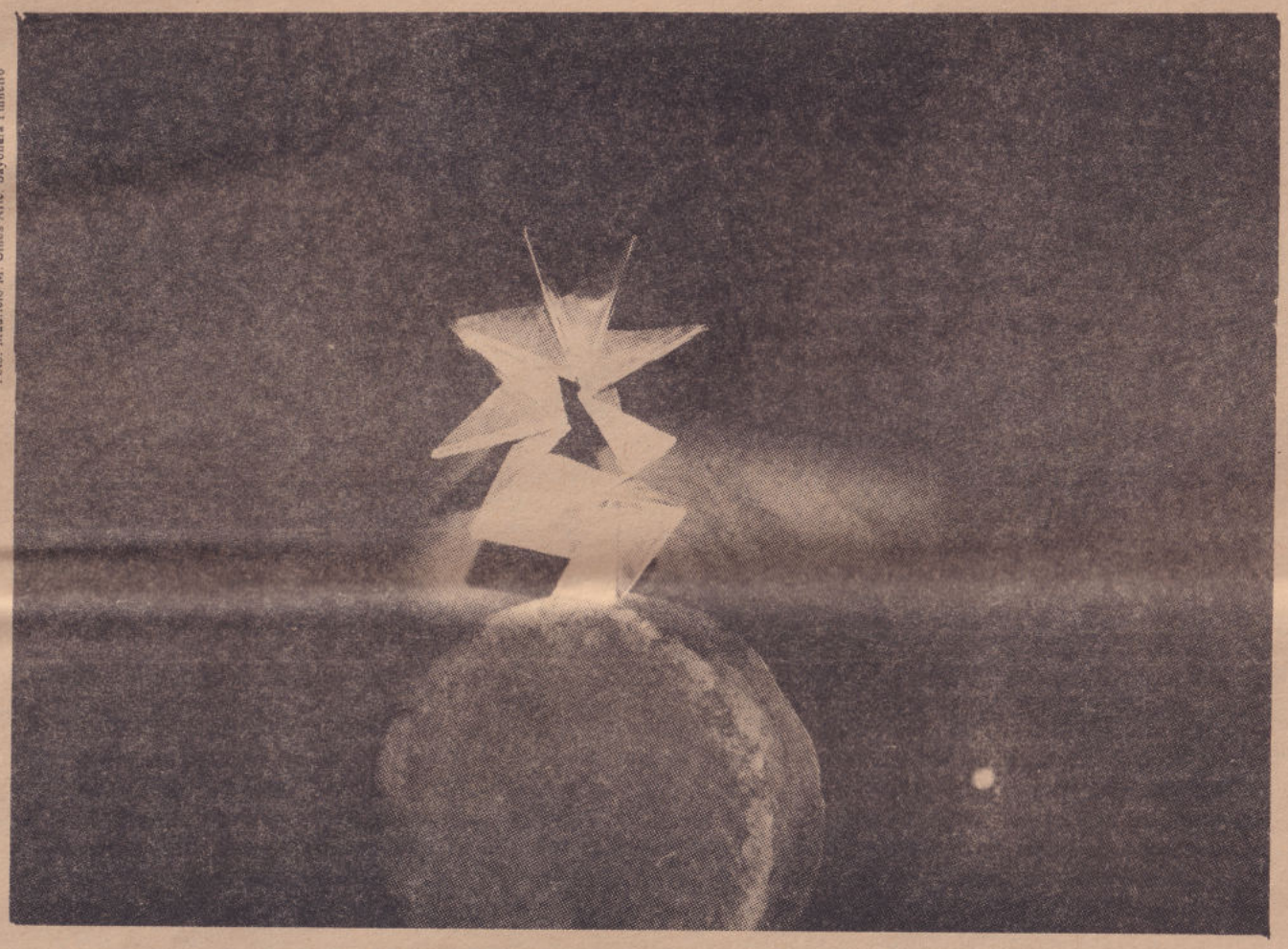


Foto: Mauricio M. Cinos Arte: Sayonara Pinheiro

Abraham Palatnik, nasceu em Natal a 19 de fevereiro de 1928. Artista plástico de vanguarda, foi um dos instrutores da Arte Cinética no Brasil. Sua educação artística ocorreu em Tel - Aviv, na década de 40. Em 1949, começou suas pesquisas com o que chamou "aparelhos cinecromáticos". Participou da 1ª Bienal de São Paulo, em 1951, ocasião em que recebeu Menção Especial do Juri. É bem adequada a interpretação crítica de Clarival Valadares sobre a arte de Abraham Palatnik "...fica garantido o entendimento da proposta de Palatnik, que é a de construir uma composição plástica multiplicada ao máximo e variável".

Anchieta Fernandes é jornalista e crítico literário norte-rio-grandense

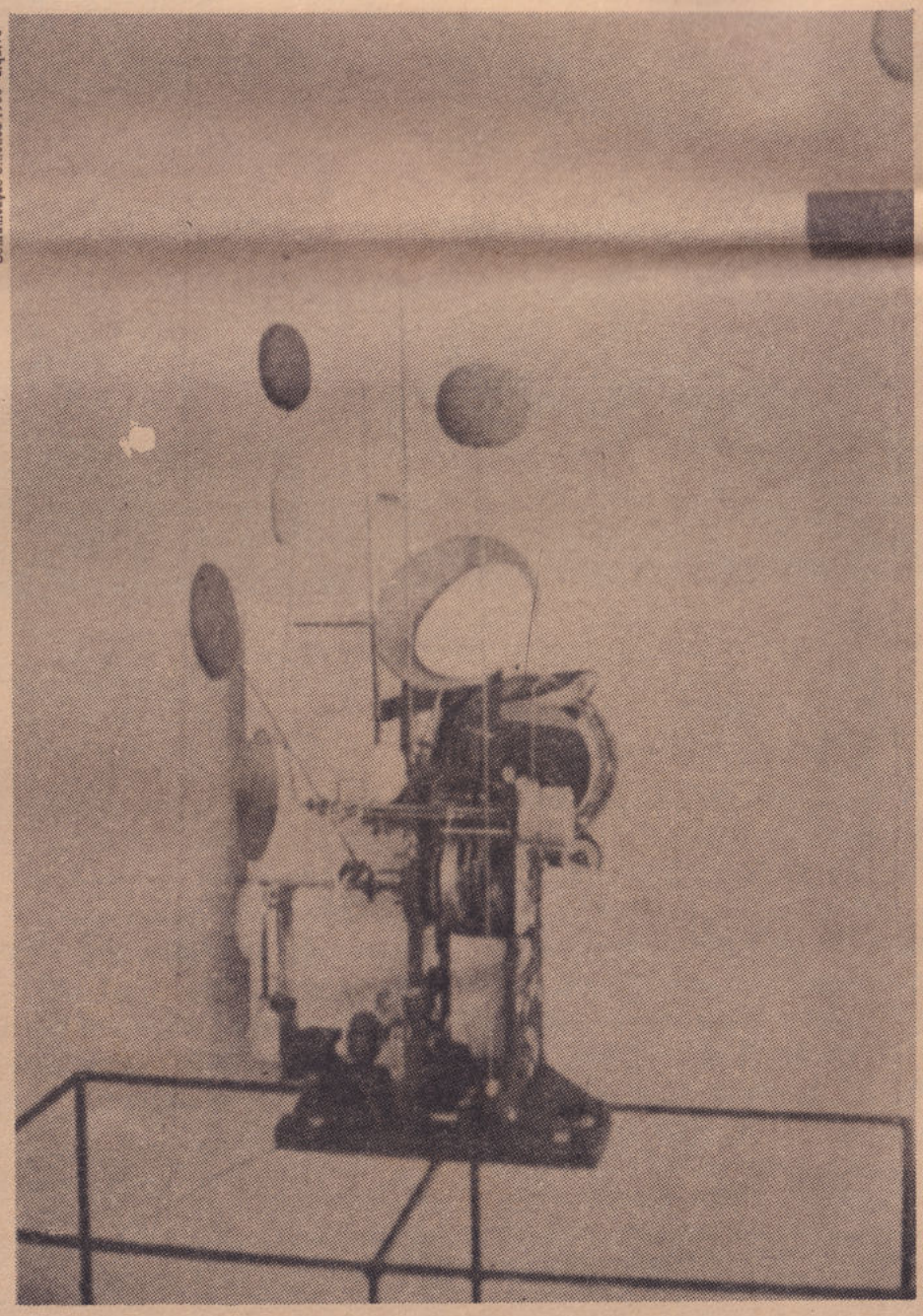
ÓPERACESA

J. Medeiros

" Consistindo a utopia numa idealização da vida dos homens, ela pressupõe uma atitude crítica em face de formas históricas da realidade e uma exploração do campo diferencial das possibilidades".
Maria Isabel Tomás

A utopia expressa por Noholy Nagy, artista bauhaus, da pinturacesa, em Palatnik vem materializar o prenúncio de More, ou seja, a utopia em seu fim histórico, trans/marcuseano...
Em mil e novecentos e cincoenta e um Abraham Palatnik apresentou o seu primeiro "Aparelho Cinecromático", durante a inauguração da primeira grande mostra de arte Ibero-Americana, a Bienal Internacional de São Paulo, obtendo menção especial do júri internacional. Para o crítico Jayme Maurício, em artigo publicado no jornal "Correio da Manhã", do Rio de Janeiro, de 14 de abril de 1960, "... o cinecromático condensa em si novas possibilidades na atividade artística, libertando o artista de uma fatalidade quase inevitável que é a limitação e redução da sua atividade às técnicas tradicionalmente conhecidas, e possibilita a realização concreta do problema do tempo, movimento e dinamismo....."

Antevém assim, a Arte Cinética, que teve a sua primeira mostra inaugurada em París em mil e novecentos e cincoenta e cinco, na Galeria Denise René, reunindo obras de Marcel Duchamp, Alexander Calder, Ives Klein, Tinguely, e Palatnik, entre outros. Seguiram-se outras exposições na Suiça, Holanda e Yugoslávia, bem como grupos de artistas organizados como o GRAV (Grupo de Pesquisa de Arte Visual) e os "Grupos Gestalticos", na Itália; "Novas Tendências", na Yugoslávia; o grupo "Zero", na Alemanha; "The Responsible Eye", nos Estados Unidos e o "Dvijenie" (dinamismo), na União Soviética.



Comunicação Cinética/1966 - arquivo

Para Popper "A Arte Cinética se compõe de obra em movimento virtual (op) e real," ou seja, uma "estética do movimento" e/ou "linguagem do movimento", como propôs Gui Brett. Ainda, Jayme Maurício: "(...) o movimento não é teórico, pois a órbita de cada elemento da seqüência é definido e obedece a um plano, predeterminado. O dinamismo não é teórico pois a natureza de cada momento da seqüência é decidido pela natureza imediata posterior e condicionada pela concepção total da seqüência. O problema do espaço não é teórico: A luz é projetada no espaço mas propositadamente limitada às proporções do aparelho. O problema do tempo também é anti-teórico no cinecromático, pois sem a

sua existência concreta não seria possível a evolução dos elementos da seqüência...."Jean Klay afirmaria que a Art Cinética "não é operar o que se move, mas uma tomada de consciência da instabilidade do real."

A Arte Cinética é também urbana, aproximando-se da Land Art (Arte da Paizagem) e do Happening, com o GRAV, introduzindo-a no espaço urbano em suas representações. O Happening (Acontecimento), expressão cunhada por John Cage: "Tudo o que fazemos é música, há teatro o tempo todo". Evidencia-se na Arte Cinética, "A participação do espectador e a luz como matéria prima". Aí reside a sua adequação e/ou inserção até hoje e o seu conseqüente desdobramento/retorno aos ambientes interiores via performance, ou "O corpo como motor da obra"(Frederico Morais), bem como da vídeo/art (Vídeo/ Performance ART), A Art Povera ver process Art, onde "As obras concernem mais ao processo que ao produto": Celant, remetendo por sua vez a idéia de "Projeto", dentro da teoria do Poema/Processo, ainda se aliando a estética fractal e a Poesia Visual e/ou a nova POIESIS.

Em suas manifestações mais radicais existe a Arte Cinética, segundo F. Morais "Apenas no momento em que é consumida. As vezes sequer existe materialmente, como escultura ou objeto (é luz, cheiro, ruído). Enquanto o Pop e o Novo Realismo se esforçam para salvar os restos da sociedade de consumo, procurando eternizar um mundo de aparências, o cinetismo aceita o precário, o instável, um mundo em contínua metamorfose".

Palatnik é um dos pioneiros da Luz Direta e um dos mais destacados artistas deste movimento de Arte Cinética ao lado dos brasileiros Ubi Bava e Sérgio Camargo, do Italiano Bruno Munari, além de Alexander Calder, Júlio Le Park, Albers, Tinguely, Soto, entre outros. A Arte Cinética é o prenúncio da INFOART, que tem como um dos pioneiros, o brasileiro Waldemar Cordeiro, redimensionada corporalmente pela sua filha Ana Lívia. a expressão se projeta para além da GEOMETRIA, ou como diria Melo e Castro in "Poética dos Meios e Art High Tech",

"Como ciência da definição do espaço não pode agora alhear-se dos problemas do espaço social da comunicação, e dos suportes dessa comunicação, constituindo aquilo que se chama uma poética dos meios..." Em analogia a analise crítico/teórica do poeta português ao referir-se a "NOVA POIESIS" vemos a própria Arte Cinética como integrante da atual prática poética que se vale dos mais diversificados meios, entre o rupestre e o informático.

Palatnik inaugura uma fração da post-modernidade. A antiartecnologica que nos remete a Duchamp e Calder, são máquinas de prospecção luminosa geratrizes de um hiper/espaço, um quase quasar-cibernético, a antevisão marinettiana que se expulsa propulsora luz "Radiônica"(Cordeiro), ou como diria Mário Pedrosa: "Temos cá fora a imagem numa desesperada ânsia de nos dar ao mesmo tempo a sucessão e a simultaneidade, o espaço e o tempo, indissoluvelmente reunidos".

Aor (Luz In hebraíco), aoperacesa prevê o khaos fractal do factual dia-a-dia, ou, o inscrever com a luz, além do mero dado pictórico (dimensional), a leitura in TRIDIMENSIONS, acto reflexo, ou Khaos da similitude pictográfica.

PLASMAR A LUZ (primeiridade caleidoscópica) RE (dimensionada em MOVIMENTO), visão holográfica, geração de espectrais; fractais operados em plena luz, um KYNE-MULTI-VARIATI on.

AOPERA acesa em plena ascese, ou o movimento propulsor inartístico.

ARTECNOLOGIAPLICADA, quando inerentemente dispomos dos mais sofisticados multi-meios "A'RtísticoS" (Otávio Paz), atingimos a uma TERCEIRIDADE, Holokynestética, trans(estática).

Palatnik antevém, aidéia PRIMEIRA em alternância contínua, ou ART idéia poscripta AGORA.

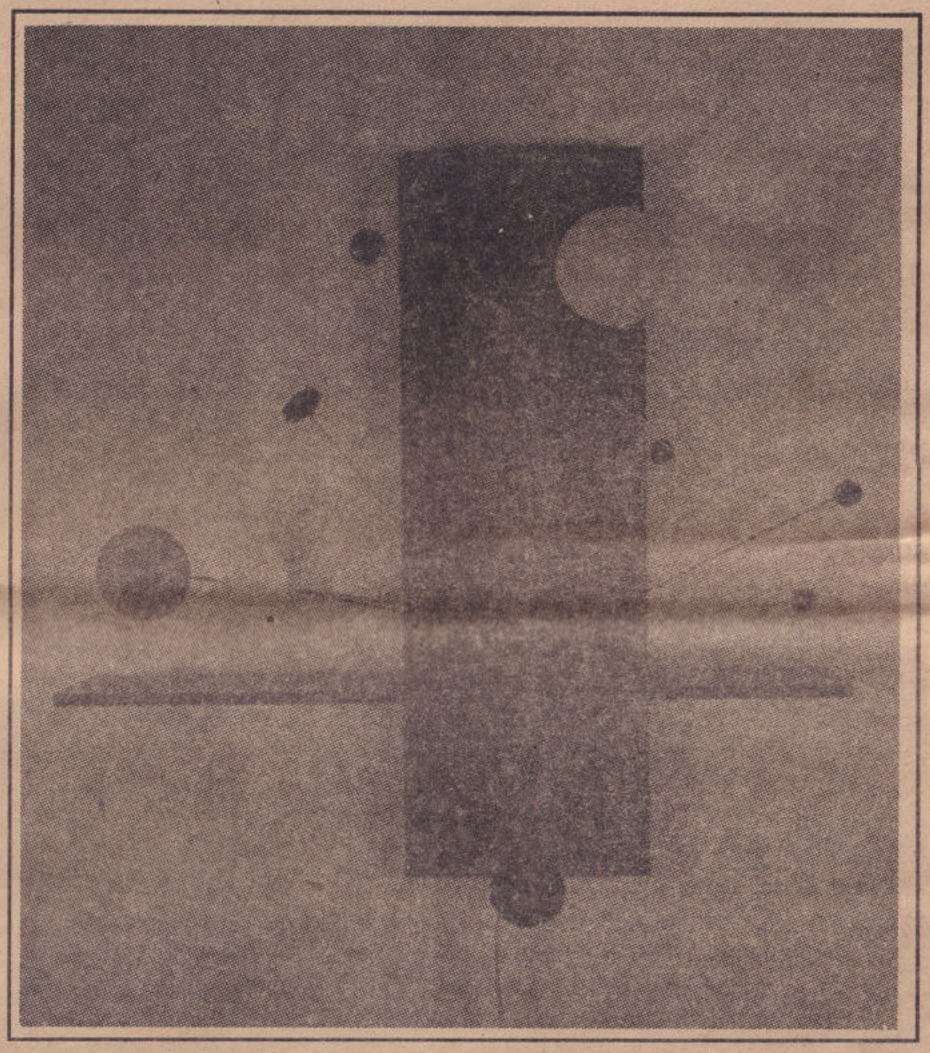
A Construção de um anti-holograma que interage no todo Khaosmico circular, o global ocular, há um deslocamento retiminiano, para fora da órbita ocular onde "O espaço e o tempo nasceram hoje". (Gabo & Pevsner).

J. Medeiros é artista multimidia, coordenador do Setor de Multimidia do NAC/UFRN.

ABRAHAM PALATNIK: Um artista natalense e pioneiro da arte cinética mundial

GERALDO EDSON DE ANDRADE

Pouco Conhecido em Natal, onde nasceu em 1928, Abraham Palatnik, um dos maiores artistas brasileiros, volta à cidade para receber homenagem e mostrar parte do seu importante trabalho



O Rio Grande do Norte tem uma dívida com o artista plástico Abraham Palatnik, um dos grandes nomes da arte brasileira atual, e um dos pioneiros incontestes da arte cinética em escala internacional. Sua contribuição pioneira acha-se registrada e reconhecida no livro "Naissance de l'Art Cinetique", de autoria de Frank Popper, editado em 1967.

Aos sessenta e nove anos de idade, ele jamais deixou de mencionar no currículo ser um natalense. Orgulho, portanto, para o nosso estado, quando se sabe que são poucos os norte-riograndenses que se firmaram como pintores além de nossas fronteiras, razão pela qual a atuação de Palatnik em níveis nacionais e internacionais, destaca-se como representativa de uma linguagem de vanguarda, pouco e quase nada difundida em termos locais.

Quem é, na verdade, Abraham Palatnik? Os mais antigos certamente conheceram ou ouviram falar de sua família em Natal, historicamente a primeira de origem judaica a se instalar na cidade pequena e modesta, como era Natal nos anos 20. Os da velha geração ainda se lembram da Vila Palatnik, de suas casas aparentemente iguais, formando um harmonioso bloco arquitetônico no centro da cidade nas proximidades das Ruas Ulisses Caldas e Avenida Deodoro. O pionerismo de sua construção coube à família do artista, que além do mercado imobiliário, que impulsionou na cidade, atuou igualmente com lojas de móveis no bairro da Ribeira, de tantas tradições.

Pois nessa Natal ainda adormecida para o progresso que, afinal, conheceria no decorrer da Segunda Grande Guerra, quando se transformou no Trampolim da Vitória, nos anos 40, que o artista viveu seus primeiros anos, transferindo-se depois para Israel, onde viveu parte da juventude e se formou profissionalmente, inclusive em arte, sem jamais deixar de lado sua origem nordestina.

A partir dos 14 anos, sentiu os apelos da arte, estudando em Israel e, anos depois, no Rio de Janeiro, já com a família, guando começou a participar de salões de arte e exposições coletivas, como da Primeira Mostra Nacional de Arte Abstrata, que aconteceu em Petrópolis, 1953, de positivas e sensíveis transformações nas linguagens contemporâneas da arte do país.

Anos antes, porém, quando da realização da I Bienal Internacional de São Paulo, Palatnik chamaria a atenção da crítica para sua obra, uma peça cinecromática, resultado de pesquisas por ele iniciadas em 1949. Participante do evento paulista, o artista mereceu fartos elogios da crítica e dos jurados, que concederam menção honrosa à peça e a recomendou para figurar no acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo. Palatnik estava com pouco mais de 20 anos de idade.

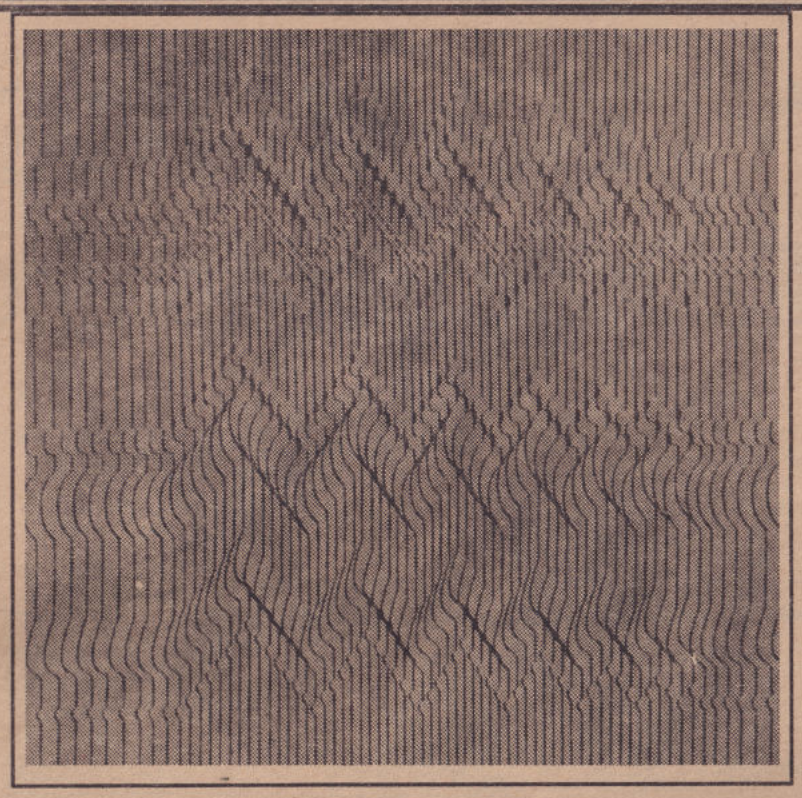
Juntando num mesmo trabalho plástico arte e inventividade, ou criação e tecnologia, ele aos poucos evoluiu na sua pesquisa e se tornou um mestre nessa linguagem cinética e, o que é mais importante, um pioneiro amplamente reconhecido, ao

lado de nomes famosos da arte mundial, como Le Parc, Munari e Ivens Klein.

Os chamados aparelhos cinéticos de Palatnik criam e recriam imagens de cores e formas abstratizantes, "regidas por unidades formais que se geram e se substituem em períodos cíclicos de até trinta minutos. Tanto quanto a cor e a forma, o movimento constitui uma das bases do 'jogo' e, desse modo, vale repetir a denominação de abstração-formal-dinamizada", segundo observação do crítico Clarival do Prado Valladares, um dos entusiastas de sua obra e que o incluiu na representação brasileira à XXX Bienal de Veneza, 1964.

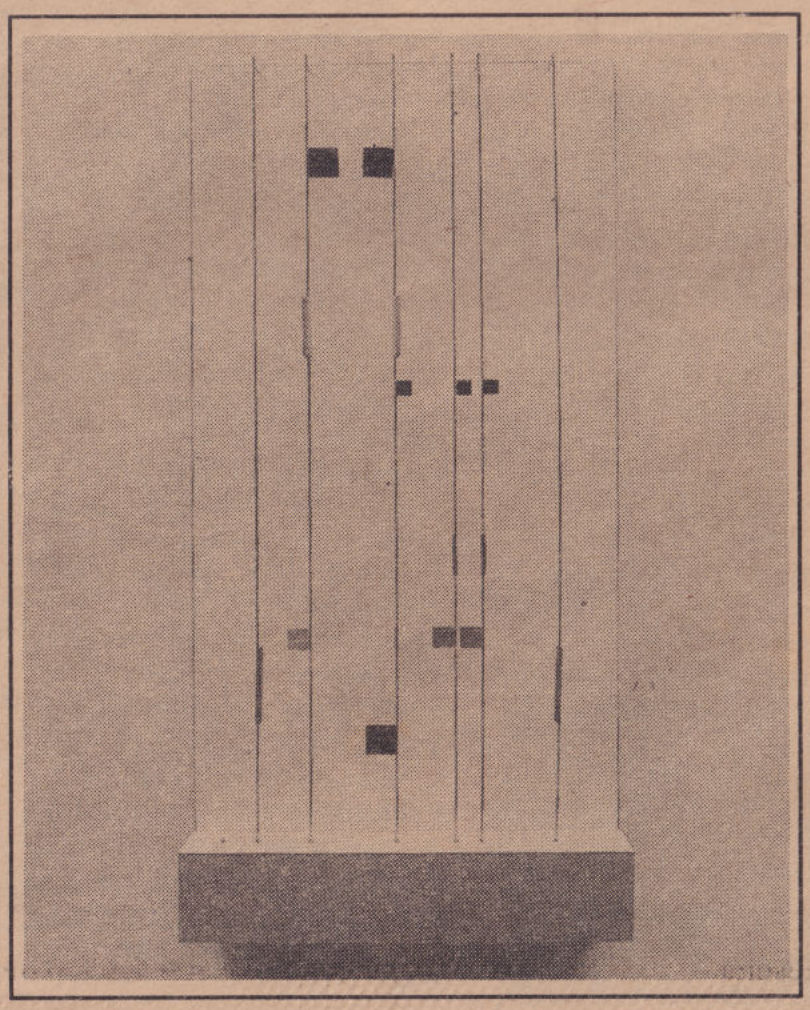
Exemplo de artista inquieto à procura de novas formas de expressão, principalmente severo com a questão do acabamento formal, Palatnik não limita sua atuação artística; ao contrário, ela é extensiva a outros setores, como o desenho, a pintura e o objeto. Dentro do mesmo rigor de execução dos seus "aparelhos", o artista tem se destacado com pinturas abstratas-geométricas, de cores chapadas, vibrantes, luminosas, pautadas por realização primorosa e, igualmente, por objetos criados a partir de cartões, com folhas cortadas no topo. Reunidas numa montagem especial em caixas, formam relevos ondulantes de irresistível beleza plástica, à primeira vista lembrando construções em marfim. Não é à toa que o artista costuma afirmar que acredita "em cultura dinâmica e na qual, por intermédio de uma tecnologia adequando, utilizamos nosso potencial adquirido para evoluir e se ajustar constantemente ao mundo que nos cerca".

O fascínio por formas em movimento tem levado Abraham Palatnik a participar, como convidado, de importantes bienais em vários países e a se apresentar individualmente em espaços de renome, como a Galerie



Denise René, Paris, Studio F. Ulm, Alemanha, e Ward Wise, Nova York, bem eomo em museus da Alemanha, Tel-Aviv, São Paulo e Rio de Janeiro. Em 1992, foi um dos 120 artistas das Américas convidados a participar da grande exposição Eco Arte, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

Como bom nordestino, embora ausente de sua terra há anos, Palatnik é homem de gestos comedidos, que ouve mais do que fala e não consegue esconder certa timidez, como a de encobrir sua modéstia; mas é sempre inteligente nos seus conceitos próprios e nas controvérsias sobre arte e artistas. Ele mesmo afirma ser contrário a mensagens através da arte. "A mensagem", diz ele, "está na cabeça de cada um, a obra de arte não pode ser mero suporte de uma mensagem,



como um telegrama, que é jogado fora após ter sido lido".

Embora o Rio Grande do Norte desconheça sua contribuição às artes plásticas nacional e internacional, depois dessa visita e dessa homenagem, acredito, seu nome será mais um motivo de orgulho para a nossa cultura. Pois foram poucas as vezes que ele voltou a Natal, sempre incógnito, mas se deixando embebedar com a paisagem litorânea da cidade, que jamais cansa de elogiar, pois nela está uma fonte de referência de suas reminiscências de menino nordestino que ainda permanece dentro de si.

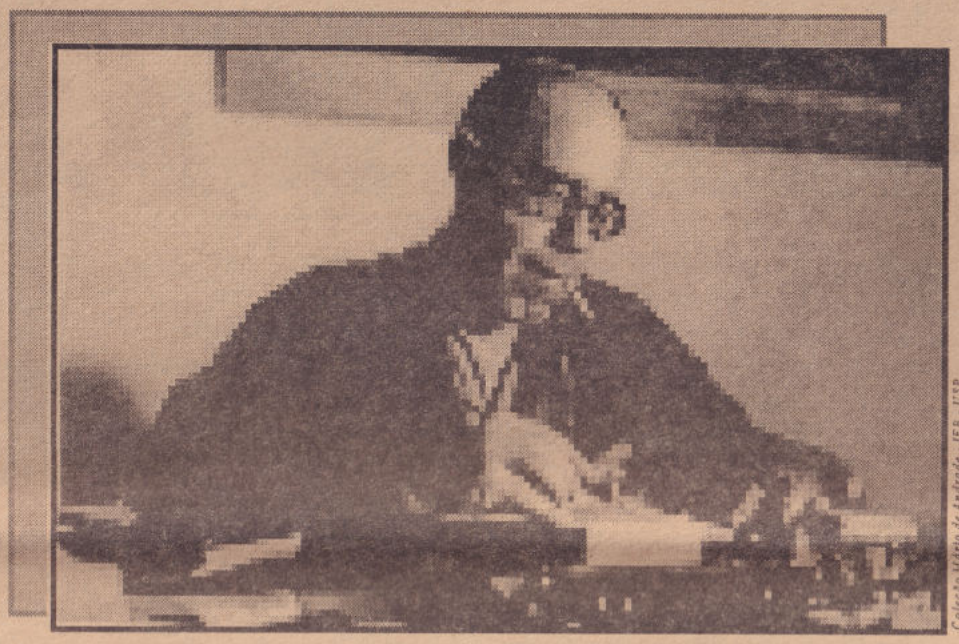
Agora, com a homenagem que lhe será prestada, mais a exposição de alguns trabalhos de sua autoria, idealizada pela Fundação José Augusto, Palatnik conhece, finalmente, o reconhecimento local. Isso o deixa imensamente feliz. Afinal, retorna à Natal consagrado. Não à mesma cidade provinciana e pequenina que deixou aos 4 anos de idade para estudar em Israel, mas, sim, a uma capital em pleno desenvolvimento econômico e cultural, apta, portanto, a receber e a aplaudir sua obra de vanguarda. Natal só tem a lucrar com esse regresso de seu filho ilustre, um artista que conseguiu significativas vitórias com a integridade de sua obra.

Geraldo Edson é escritor e crítico de arte norte-rio-grandense

O VIAJANTE AMOROSO (I)

(Paráfrase de um Aprendiz)

Tarcísio Gurgel



Coleção Mário de Andrade - IEB - USP

Mário em seu gabinete de trabalho na casa da Lopes Chaves

Estação da Great Western, 14 h do dia 14/12/28

Acaba de chegar de Pernambuco o trem do horário. É intenso o movimento dos passageiros, misturados a carregadores, ferroviários e parentes que esperam na plataforma. Faz calor. Mas nada parece incomodar o forasteiro grandalhão e míope, chapéu atolado na cabeça que, metodicamente, vai pondo em ordem sua bagagem.

Mário de Andrade, finalmente, em Natal.

Desta vez, só, e prefere assim. Não que estivesse mal-acompanhado na excursão que terminara na Bolívia, no ano anterior. Ou na outra, a das Cidades Históricas, em Minas. (1) Mas é que nas viagens anteriores gastara boa parte do seu tempo, desdobrando-se em atenções para com os companheiros. (2) Agora, não. Está só e sabe que é melhor assim.

Na gare, um rapaz atarracado, moreno, terno claro e flor na lapela, chapéu de feltro e polainas, procura chamar a atenção do visitante, movimentando os braços, freneticamente. Mário contém uma gargalhada ao observar as polainas de Cascudinho. Como é do seu hábito, já imagina uma história, um comentário, um título, quem sabe, algo como "Polainas nos Trópicos" e fica orgulhoso de lembrar que escrevera um dia sobre tupis tangendo alaúdes.

O diminutivo carinhoso e barulhento se aproxima e lhe dá as boas vindas, em companhia do querido Antonio Bento (3) e outras figuras que não consegue bem distinguir.

- Sem discurso?, pergunta Cascudo com malícia, lembrando-lhe um telegrama que lhe enviara certa vez, falando de recepção.

- Sem discurso. - Mário sorri, sacudindo o corpanzil e lhe estende a mão - Toque, camaradão.

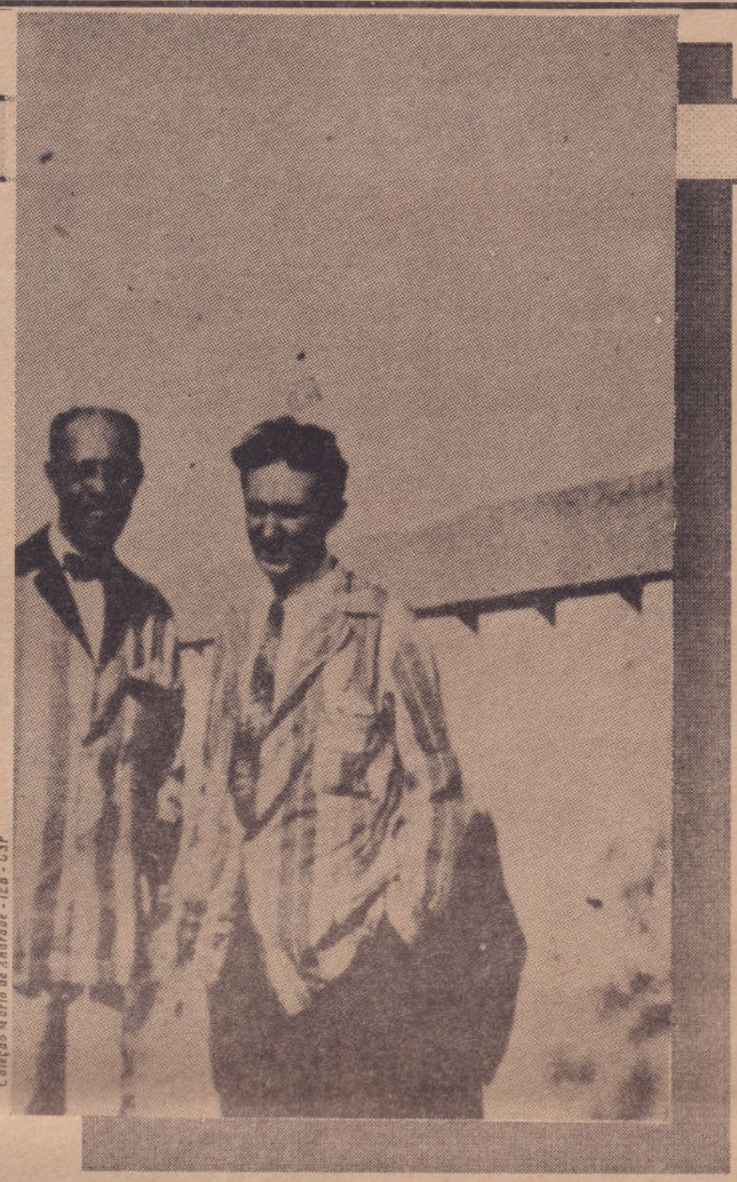
Que país! Num lapso de tempo que não dura mais que alguns segundos, ele se revê, cheio de encantamento, na varanda do Grande Hotel, em Belo Horizonte, noite escura, batida pelos ventos das Alterosas, durante a excursão às Gerais. Quanto deslumbramento com os mistérios daquela noite mineira, sem medida, os meninos Nava, Emílio, Abgar, cheios de admiração e de futuro... Depois, chega rapidinho ao Norte, espanto com a beleza assustadora da natureza e a incontida admiração pelo irmão amarelinho, a quem iria dedicar um poema do mais puro amor, diretamente da Lopes Chaves... Agora, a claridade desta tarde natalense, Cascudinho com o seu sorriso zambeteiro, certamente aprendido com algum mestre das artes ocultas, tanto que vem de mistura com o olhar maroto e a cabeça inclinada, enquanto lhe aplica um quebra-costela, vem-cá-meu-nego, me diz se tem chovido lá por São Paulo...

Que bom estar no Nordeste. Que bom retornar, agora para demorar-se, nesta Cidade *do* Natal, segundo o amigo, ênfase proprietária, aliás, que lhe cai muito bem, pois é assim que vê esta urbe pequenina e faceira: presentinho gostoso de sarapantar...

Os trezentos, trezentos e cinquenta Mários sorvem, ao mesmo tempo, o aroma exótico das acácias de dezembro, à medida em que o forde bigode move-se pelas ruas largas da Cidade Nova.

O casario, observa, não é tão expressivo quanto a vegetação e a incrível sucessão de dunas alvacentas, que é possível avistar-se ao longe, do topo da Cidade Alta. Belíssimo é o Potengi, de escamas fosforescentes, preguiçosamente fluindo na direção da barra e do Forte. E mais a Redinha, meu Deus!, que o encantara tanto, a bordo do Baependi, no torna-viagem de 27.

Na chacra do coronel Cascudo é recebido com a fidalguia de uma gente que, ao ser transplantada do sertão, trouxe junto a avoenga hospitalidade. Homem mais do que importante, o coronel, unha-e-dente com os doces oligarcas da família Maranhão. (4)



Mário em companhia de Antonio Bento

Os anfitriões e o séquito de serviçais param, submissa platéia, para a apresentação algo histriônica do mestre-de-cerimônias. E não há mesmo, observa o visitante, como não se submeter àquela inteligência borbulhante, que torna Cascudinho uma espécie de *enfant térrible* da elite inteléctual da cidade. Mário pensa assim, mesmo já tendo conhecimento do melhor talento potiguar. Admira, por exemplo, Itajubá, sobre quem o velho João Ribeiro (5) havia escrito página de compreensão no "Jornal do Brasil"; gosta, francamente, dos Castriciano, Henrique e Auta; e ama o poeta Jorge sobre todos. (Ah, a espontaneidade daqueles versos, dos poetas que morreram cantando na Guerra do Paraguai...) (6) Mas, era forçoso reconhecer: impossível existir no Rio Grande do Norte alguém com o charme deste fantástico causeur. O próprio Coronel, de quem, diz ele reverente, aprendeu mil histórias, parece eletrizado diante da sua mise-en-scène. Quanto às finíssimas Dhália e Donana, a primeira faz jus à capacidade de tê-lo fisgado e a segunda se enternece, de tal modo, que até fisicamente parece projetar-se no filho, tamanha a semelhança entre ambos.

Mário sente-se em casa. Feliz da vida com esse relacionamento que, por assim dizer diminui a distância da Lopes Chaves. (7) Alegria que elide tempo e espaço perturbadores. Só uma coisa o deixa levemente incomodado: o respeito exagerado com que o tratam. Chamá-lo de doutor, professor Mário, o aborrece. Pois se até os meninos que são poetas, com que se corresponde, o consideram como igual... Bem: mas, também pedir-lhes que o tratem com menos formalidade é que não fará. Poderá parecer bestidade paulista. De qualquer modo o excesso de rapapés não condiz com o seu estado de espírito porque, a bem dizer, desde que o trem maluco chegou de Pernambuco, fazendo vuco-vuco, parara curumim de novo. E tudo agora é graça, jogo excitante, novidade.

Esperara por isto uns bons quatro anos. Derna, quase, o dia em que lhe chegou às mãos a primeira carta de Cascudinho..O mesmo surpreendente Cascudinho, remembra mais esta: que, há um ano atrás, a bordo de uma pequena embarcação, acompanhara o Baependi, quase que desde a entrada da barra, escrevendo aos gritos suas boas-vindas. Dona Olívia e as meninas se contorcendo de tanto rir. (8) A descida à terra, naquela ocasião, a elegância do prefeito O'Grady, o contato rápido, rapidíssimo com Jorge Fernandes, esquisitão, diferente do que viajara para São Paulo em forma de versos modernistas, nas cartas de Cascudinho, haviam deixado um gosto irreprimível de quero-mais, faça-me o favor de me aguardar, benza-deus, que um dia hei de voltar!

Após o jantar e as visitas de praxe, algumas bem dispensáveis, o poeta se recolhe.O aposento que lhe destinam é amplo. Tem janelões, paredes grossas, cama de solteirão, oratório barroco, lavatório com toalha alvíssima, e capitão de louça, sisudo, sob a orla da colcha, que recobre o lençol macio e alvo.

O jovem Cascudo: talento precoce, elegância ostensiva

Em que pensa Mário? Em Ascenso Ferreira, por exemplo. Pensou Nordeste, pensou Ascenso-força-da-natureza, a quem voltara a avistar em Pernambuco, gigante rabelaisiano moldado por um calungueiro qualquer; também em Inojosa, o valoroso e pouco brilhante Inojosa, soldado das idéias modernistas por aqui. Em Antonio Bento, amigo cutuba, crítico mais do que sensível das nossas artes plásticas.

Porém, no que Mário mais pensa é em Cascudo. Nas promessas de Cascudo. "Reis" Cascudinho, primeiro e único. Senhor das terras da cultura potiguar. É possível ver um boi dançar? Certamente que é. E um pastoril, e congo, Cascudo, vosmecê garante? Mas, é claro, seu Mário. Cascudinho, cê tenha paciência: catimbozeiro, tenho que ver, não esqueça. Escute, Maroco: a palavra impossível foi despedida do nosso vocabulário... E, quanto ao engenho do Antonio Bento? Sossegue: vai ter carro e chauffer para levá-lo até lá. E as salinas, Cascudo, o carnaubal, o Seridó? Quero ver tudo, jouviu?

Ah... Desfrutar esse amornamento familiar, os afagos... Chegue cá, Doutor Mário: venha saber das últimas da Candinha... Deixar-se embalar pelo vento que assopra pra dentro da alma os acordes longínquos da famanada modinha de Othoniel Menezes e Eduardo Medeiros... (9)

(Neste lençol macio que rescende a alecrim, deito meu desengonço e meu cansaço. Não demora muito e morro da doença-alegria...)

continua

O olhar viajante

Cartão Postal mostra a Av. Tavares de Lira com a Rua Chile, onde se localizava o Hotel Internacional

Cartão Postal mostrando a antiga rua da Tatajubeira, hoje Frei Miguelinho

Cartão Postal mostra trecho da antiga Ribeira

Cartão Postal mostrando bonde no cruzamento da Ulisses Caldas com a avenida Rio Branco

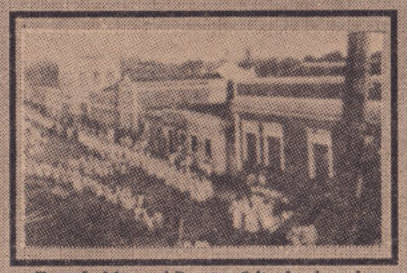


Foto de Manoel Dantas feita de cima dos andaimes do prédio em construção da Prefeitura Municipal

(Do livro **380 Anos de História Foto-Gráfica da Cidade de Natal 1599 . 1979** - João Maurício Fernandes de Miranda)

Notas

1) Mário de Andrade fez quatro viagens pelo interior do Brasil: a da descoberta do barroco mineiro e do Aleijadinho, em 19; outra vez a Minas, em 24, em companhia de um grupo do qual faziam parte Oswald de Andrade e Blaise Cendrars, a segunda para o Norte, de maio a agosto de 27 e, finalmente, ao Nordeste, em fins de 28, começos de 29, demorando-se 43 dias no Rio Grande do Norte. As duas últimas vigens compõem o magnífico registro de **O Turista Aprendiz** (São Paulo, Livraria Duas Cidades/SCCT-1976, org. Telê Porto Ancona Lopez). O texto por mim trabalhado é, evidentemente, tributário dessa obra.

2) Para com dona Olívia Guedes Penteado e as meninas Margarida Guedes Nogueira (sobrinha de d. Olívia) e Dulce do Amaral Pinto (filha da pintora Tarsila do Amaral).

3) Antonio Bento de Araújo Lima. Crítico de Artes, já residindo no Rio, nos anos 20, fazendo repercutir os ecos da Semana de Arte Moderna. Oriundo de uma família de proprietários rurais, dividirá, com Cascudo, a honra de ciceronear o poeta paulista no RN.

4) Francisco Justino de Oliveira Cascudo, o Coronel Cascudo, pai do escritor Luís da Câmara Cascudo. Foi comerciante de posses, tendo sido proprietário, no começo deste século, do armazém O Profeta. Em 1914 instala o jornal "A Imprensa", que circula até 27.

5) João Ribeiro, crítico dos mais respeitados no início do século, na capital da República. Generoso, além de competente, registrava com interesse o surgimento e a produção de escritores talentosos pelo interior do Brasil. Policarpo Feitosa, Itajubá e Cascudo, entre outros potiguares, mereceram sua atenção.

6) Alusão a comentário feito em carta de Mário de Andrade a Cascudo. (Cf. **Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo** - BH, Editora Villa Rica, 1991 - p. 57.) Nesse livro, organizado e anotado por Veríssimo de Melo, Mário revela-se reiteradamente surpreso com a qualidade da poesia de Jorge. De tal maneira que, a princípio, não consegue acreditar em sua existência real, supondo ser um pseudônimo do próprio Cascudo.

7) Endereço famoso de Mário de Andrade em São Paulo.

8) O registro, sem o comentário suplementar está na página 91 do já citado **O Turista Aprendiz**.

9) Evidente alusão à "Serenata do Pescador", tornada popular com o nome de "Praieira", de autoria de Othoniel Menezes, publicado no livro **Jardim Tropical** (Recife, Imprensa Industrial, 1923)

Tarcísio Gurgel é escritor e professor de literatura da UFRN.

Contos Mínimos

Carlos Humberto Dantas

O GAVIÃO

Você viu. Não. Em cima. Lá. Quase não vimos, noite chegando. Devagar. Vindo. Vindo na espreita. Garras afiadas. Passarinhada toda assombrada. Passarinhada, viu, correu. O mundo é pequeno prá quem voa rápido. Num abrir e fechar de olhos a caça prende nas garras. Bicho sabe disso e se esconde. Gente também. Gavião não espera, faz. O mundo é esse. Quem aprende, escapa. Fugir a gente, foge, mas quem voa sabe mais. o perigo tem asas.

O INFINITO

Estendeu as mãos. Aonde os dedos tocavam era o infinito. Isso que se fez longe pode estar ali, ao toque dos sentidos. Não faz muito tempo cruzamos de um lado ao outro. As portas todas abertas, confundiam. Não ter imaginação, eis o grande desafio. Dispostas as coisas tudo se resume com mais facilidade. O mundo cabe na lógica.

O CAMINHO

Não era aqui nem longe. Desassossego é uma palavra que cabe bem em quase tudo. Olhos vendados pra quê? Já estamos cegos, Não precisamos disso. Outro dia descobrimos o óbvio, ele não levava a nada (de novo) ou tudo se repete sempre (como uma roda). Quem procura é como um Deus sem ser, tudo é muito perto como uma cor, ou uma sombra. Uma imagem vem de muito antes, uma imagem é como uma charada de muitas faces. O caminho é aqui, descobrir é como não ver (ou ver de novo).

A LEVEZA

Duro era não saber onde a leveza. A fala era leve o mundo era duro. Mestre esperou na leveza de quem sabe esperar. Contar tudo quem não contou, calou-se e se. O corredor era um labirinto de muitas faces. Fez-se um pacto. As cadeiras dispostas nos longos corredores apenas indicavam, locais onde se poderia não estar. O entendimento não basta. Nem a vontade. Querer, querendo, a gente sempre quis. O mundo ensina. O infinto é leve.

Carlos Humberto Dantas é artista plástico norte-rio-grandense.

Luís Carlos Guimarães
na maturação de seus frutos poéticos

Hildeberto Barbosa Filho

O fruto maduro, publicado pela Fundação José Augusto, Natal/RN, em 1996, é o sétimo livro de poemas de Luís Carlos Guimarães, poeta de respeitável trajetória lírica, haja vista títulos, como O aprendiz e a canção (1961), As cores do dia (1965), Ponto de fuga (1979), O sal da palavra (1984), Pauta de passarinho (1992) e A lua no espelho (1993).

Nessa coletânea, cujo título parece sugerir o tempo da madureza poética, a época sazonada da colheita, o poeta norte-rio-grandense exibe suas virtualidades de lírico confesso afeito à multiplicidade rítmica do verso, atento ao dinamismo sonoro dos vocábulos, senhor dos seus domínios temáticos, surpreendente no pastoreio de suas imagens...

A variação de suas motivações, todas, contudo, nas cercanias do território lírico, corresponde a variação das formas poéticas, exercitadas desde o impacto lúdico o mágico das adivinhas, passando pela experiência das baladas, barcarolas, romances e odes, até a síntese vertical da quadra, da lira, da nona e do haicai. Tem-se, assim, um verdadeiro caleidoscópio de espécimes líricas, rein-ventadas pela dicção de um poeta, em tudo inquieto, face às possibilidades que a tradição poética lhe oferece. Em o fruto maduro, diríamos que Luís Carlos Guimarães como que se refaz e se repensa no âmbito mesmo da sua particular textualidade. Aqui, mais que em qualquer dos livros anteriores, seu caminho poético se bifurca, ora numa vertente que adere, sem reservas, ao verso longo, à lírica de folego, como bem exemplifica a Ode branca à margem dos Dezessete Poemas Noturnos de Celso Japiassu, ora a um roteiro de "essências e medulas", como diria Ezra Pound, onde o processo semântico adquire um raro poder de concentração, uma impactante e consumada força verbal, em que pese, às vezes, o desgaste da própria motivação. Veja-se, neste caso, um texto como Quadra:

Amar é declarar guerra
a quem a gente se aferra.
Ou morrer sobre o coração
prendendo a respiração.

A temática amorosa, em si mesma já tão batida na tradição lírica, se renova sob a singularidade da percepção poética, onde o conceitual emigra para além dos limites da razão lógica. O mesmo poderíamos assinalar a respeito de um poema como Ricochete, acrescentando, todavia, todo o brilho a efetividade estética de sua massa significante, ele mesmo tecido em ricochete, através de um jogo fônico onde o som, como sempre advogou Valéry, já é sentido:

Na torre da igreja, torre de igreja
branca, dobra o sino, dobra o sino.
Por quem, por quem? Por mim, por mim
dobra com alarde na tarde, tarde
demais para mim que no fim, no fim
vou no caixão cheio de flores, flores
tantas que ninguém me vê morto, morto.

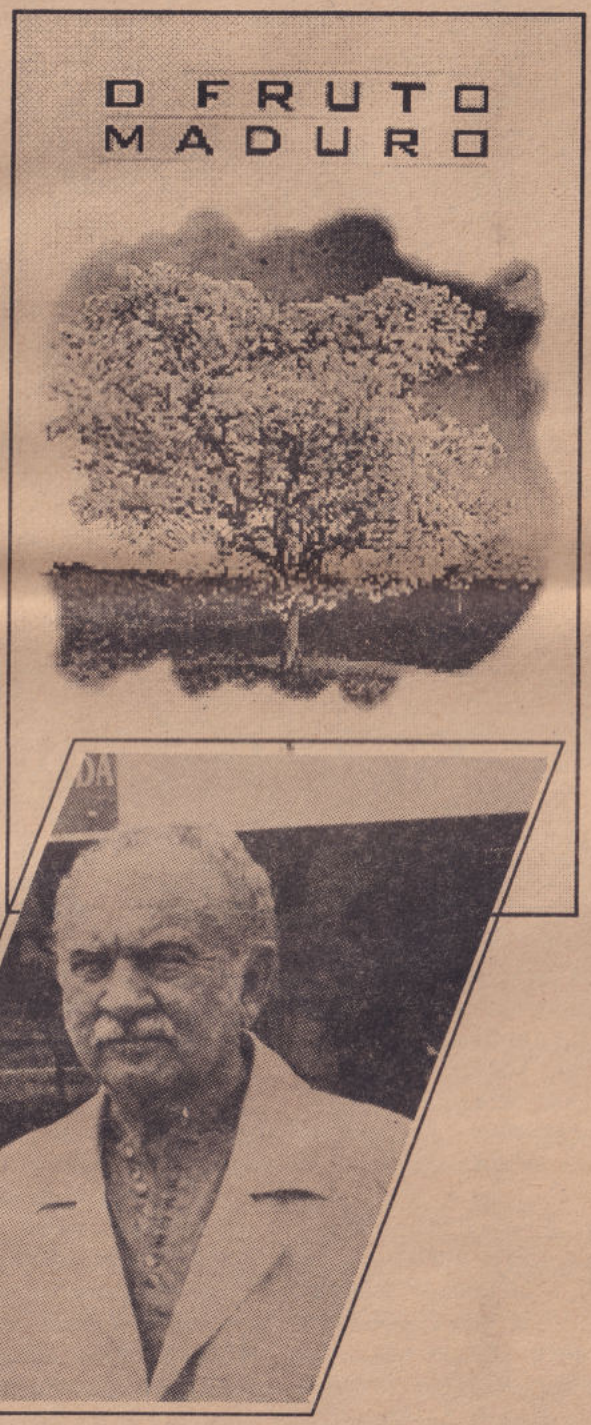
A sutileza com que a morte é apreendida (aliás, o sentimento de fim, aquela lusa dor das coisas que passaram parece ecoar fundamente em O fruto maduro) num texto como este nos dá a exata medida do procedimento criador de Luis Carlos Guimarães. Quer seja no

poema longo, em que se sobressai a coreografia musical dos dísticos a dos tercetos, quer seja no poema curto, no qual se ostenta o ideograma das imagens, o poeta está presente com sua voz lirica, refletindo as nuances do real com o lume singular da lua no espelho. Observemos este haicai:

Restou da breve chuva
no domingo um respingo
na mão da estátua viúva.

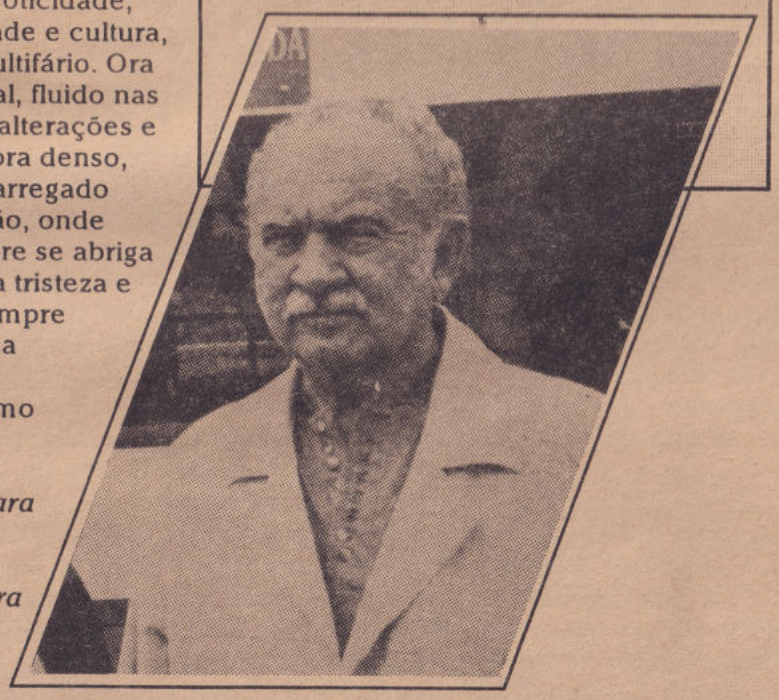
Se a poesia é o *condensare exigido* por Pound; se o haicai não combina com o decorativo nem com o artificioso pois se corporifica como a medula mesma do artefato linguístico, como raciocina Haroldo de Campos na esteira de Fenollosa, só podemos concluir que a linha minimalista, exercitada aqui e ali pelo poeta potiguar, configura o exemplo acabado da vivência poética no limite da palavra.

Seu lirismo, aberto ao que a vida estende ao homem, no que ele possui de eroticidade, espiritualidade e cultura, é lirismo multifário. Ora leve, musical, fluido nas suas rimas, alterações e metáforas; ora denso, filosófico, carregado daquela visão, onde quase sempre se abriga o passaro da tristeza e por onde sempre corre o rio da melancolia . Poemas, como Balada do *Desditoso*, *Barcarola para um rio nordestino*, *Parlenda para o amigo morto*, *Spleen e Testamento*, entre outros, representam bem o que queremos dizer.



Em prefácio a A lua no espelho, Paulo de Tarso Correia de Melo aponta alguns elementos característicos da poética de Luis Carlos Guimarães. Face a O fruto maduro, podem-se enumerar perfeitamente o que ele identifica como" uma pesquisa constante e evolutiva de novos caminhos para o tom lirico, "o domínio e apuro de diferentes formas poéticas" e, em especial, a "Preocupação com a intertextualidade e novas formas de estilização e apropriação literárias".

É verdade: esses são aspectos que consubstanciam toda a trajetória poética de Luís Carlos Guimarães, retomados, à maneira de marcas estilísticas, de estratégia discursiva, de interesse motivador, na linguagem dessa obra sazonada. Obra de intensa poesia. Por isso mesmo, poesia que transcende o azulado das águas do Potengi para desaguar no mar maior do gosto universal.



Hildeberto Barbosa Filho é poeta e crítico literário paraibano

Não Navegando

G. R. Caldas

Vou amarrar meu barco
numa curva...
Barco - corpo afunda
Alma - vela singra
Vou quebrar minha bússola
já não navego mais...

Estrago passos
por praias distantes
enxergando brumas!...

Todas as minhas lágrimas
Deixo pra chorar no fim
Talvez assim
um rio possa me levar
Num esquife bico fino
Em compassadas remadas
Para um infinito
Que eu sei que existe
Prá lá de Macaíba...

Ilustração: Socorro Soares

Vana Verba

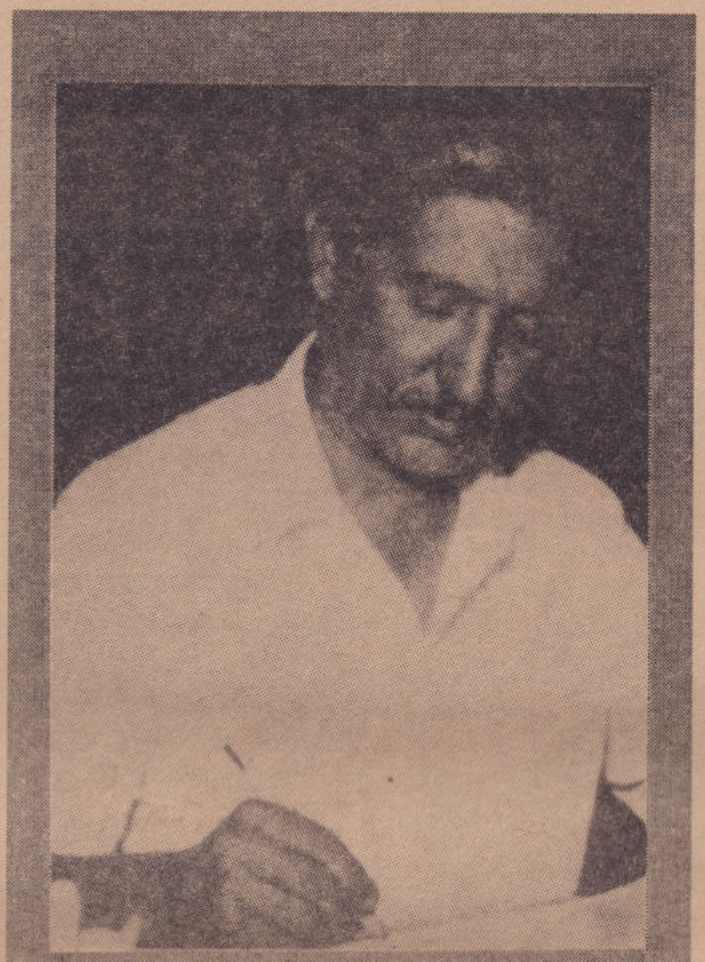
Versos, palavras perdidas,
bolhas de sabão coloridas,
espargidas pelo chão!

Versos são lágrimas,
são dores,
queixumes e dissabores,
pedaços do coração.

G. R. Caldas é poeta norte-rio-grandense

O refúgio da poesia

Nelson Patriota



Alberto da Cunha Melo

Já o compararam àqueles artesãos dos teares manuais que, de tão habilidosos, fazem beirais e bilros, ao invés de trivais rendados. A metáfora, produzida por Henfil no seu estilo característico, externa uma visão bastante consensual a respeito desse que é, ao lado de Jaci Bezerra Lima, um dos dois poetas pernambucanos mais famosos da chamada Geração 65. A partir deste mês, seu fã-clube nordestino será expandido, com certeza, com pelo menos uma filial natalense.

A apresentação oficial de Alberto da Cunha Melo dar-se-á por ocasião do lançamento na Capitania das Artes, no dia 12 próximo, às 18 horas, do seu novo livro "Carne de Terceira com Poemas À Mão Livre", que acaba de ser lançado pela editora pernambucana Bagaço, e que se soma a cerca de uma dezena de obras anteriores, todas circunscritas ao gênero poético.

Em entrevista exclusiva ao GALO, Alberto da Cunha Melo explica porque, quando e como fez a opção a favor da poesia, o que isso significou até hoje para sua vida, comenta o papel da Geração 65 e os entraves que os poetas nordestinos enfrentam para sair do anonimato.

ENTREVISTA

O GALO: Como você define sua trajetória poética?

ACM: Entrei na revoada dos poetas por uma espécie de determinismo cultural. Meu pai, Benedito Cunha Melo, era algo como um decano dos poetas de Jaboatão-PE. Corriam para ele os candidatos a poeta, com seus sonetos imberbes. Ouvia, sem querer - e às vezes querendo - o velho ler para os amigos na sala a obra de Cruz e Souza, sua maior admiração brasileira. Ouvia-o declamando sozinho, em voz alta, o "Navio Negreiro", de Castro Alves. Depois, no colégio, lá estava eu enturmado com colegas que gostavam de literatura. Fui, de certa forma, amamentado pela poesia, sugando esse leite envenenado pela angústia do infinito.

O GALO: Qual o significado da poesia em sua vida?

ACM: um lugar de refúgio, um abrigo para enlouquecer em paz, se isso for possível. Um refúgio no sentido primitivo que tinha a máfia, entre os camponeses da Sicília, para escapar do Clero, dos nobres e dos esbirros do Estado. Ou seja: a poesia como uma forma de suportar a vida. Mais refúgio que palco, mais defesa que ataque.

O GALO: Quando começou a sua produção poética?

ACM: Minha família me perseguiu com uma trova e uma quintilha que eu teria feito aos setes anos. Sempre me irritava quando as declamavam na frente de estranhos. A sério, mesmo, só comecei a escrever aos 17, 18 anos, não me lembro. Rasguei tudo que escrevi antes da minha fase dos ocotossílabos, quando já tinha vinte anos, por aí. Como convivi com um verdadeiro poeta, meu pai, até os 27 anos, quando me casei, desde menino acostumei-me aos ritmos dos septissílabos e dos decassílabos, praticados pelo velho. Por não poder fazer melhor do que ele nessas métricas optei pelo octossílabo, de acento menos cantante, de dicção mais sóbria, coloquial, quando escrito sob a tensão do enjambement.

O GALO: Como você interpreta a declaração de Bruno Tolentino de que você é o maior poeta brasileiro de hoje?

ACM: Para começar, Bruno não disse precisamente isso, na sua entrevista à Veja. Ele diz algo como "depois de João Cabral...". E não poderia ser diferente. Cabral não é apenas o maior poeta brasileiro deste século e um dos maiores poetas vivos do mundo. Ele é, sozinho, toda uma escola poética. É o único touro reprodutor da poesia brasileira de nossos dias. Ele não faz, apenas, uma grande poesia, ele faz poetas. Mas, voltando à sua pergunta, quando a Globo me procurou, antes de entrevistar-me, tentou saber o que eu achava da declaração de Bruno. Reportei-me ao artigo V da Constituição que estabelece a liberdade de opinião. Na entrevista especial que foi ao ar a pergunta não foi feita. De certa maneira Bruno procurou justificar sua opinião sobre a minha poesia durante horas na União Brasileira de Escritores - Secção Pernambuco -, para um público seleto que não demonstrou sinais de fadiga, mas revelou-se espantado com o seu conhecimento da poesia francesa, inglesa, italiana, alemã e norte-americana, cujos idiomas domina. Eu, particularmente, não me coloco nas alturas que Bruno me vem colocando. Mesmo porque as diferenças entre os verdadeiros artistas são mais de natureza do que de grandeza. João Cabral, Juan Ramon Gimenez, Tagore e Rilke são poetas de natureza diferente e, porque são artistas verdadeiros, cada um deles tem seu espaço exclusivo na galeria de minhas admirações. Não estamos num concurso de Mister Universo, para saber quem é o novo Schwarzenegger.

O GALO: Qual a importância da Geração 65, à qual você pertence, para a renovação da poesia brasileira contemporânea?

ACM: Na classificação de Pound, há poetas inventores e poetas diluidores. A chamada Geração 65 de Pernambuco não é composta de poetas inventores. Mesmo porque de novidades descartáveis o mundo já está cheio. A poesia que nasceu com Poe e Baudelaire é um veio profundo que nem tão cedo será esgotado. Se todo mundo mergulhar no experimento ninguém vai mais escrever coisa alguma (e parar de escrever foi justamente o problema axial das vanguardas brasileiras de 56 para cá). Escrever boa poesia é tarefa muito difícil e a Geração 65 já possui um conjunto de obras que não pode ser desconhecida pela história literária.

dela. Lembro-me, no entanto, que quando Ferreira Gular rompeu com os concretos, começou a fazer uma poesia vigorosa. Mas não li ainda seus últimos livros. Lembro-me ainda de uns velhos versos seus: "Ah como é difícil amanhecer em Da Nan. Mas amanhece." Duas coisas me fizeram voltar ao ambiente perigoso e traiçoeiro da vida literária. Em 95, o endiabrado Bruno Tolentino, poeta de quem eu nunca ouvira falar, pois estava há trinta anos na Europa e tinha regressado no ano anterior, ao visitar o poeta Weidson Barros Leal, no Recife, este mostrou-lhe um velho livro meu ("Poemas Anteriores"), que reunia toda minha produção em octossílabos. Publiquei esse livro por insistência da pintora Claudia Cordeiro, minha mulher, e ele tinha passado praticamente despercebido no Recife (porque de lá as coisas não vão a parte alguma). Diz Bruno que leu o livro de um só fôlego, e no dia seguinte bateu lá em casa. E bateu tão forte que eu disse um palavrão e fui ver se algum PM estava arrombando a porta. Bruno quase voltava no mesmo pé, pensando que eu ia agredi-lo. O resultado é que ficamos conversando sobre poesia até três horas da manhã e de lá para cá ele vem divulgando meu trabalho e me trazendo para esse saco de gatos que é o mundo intelectual brasileiro, onde gestos, como o dele, pela grandeza, generosidade e desprendimento, chegam a soar, diria Cabral, como "um sim, na sala do não". A outra coisa que puxou para fora foi a Editora Bagaço que, no ano passado, pediu-me um livro inédito para publicar. Eu tinha terminado *Carne de Terceira* e, mais uma vez, por pedido de Claudia, juntei a ele *Poemas À Mão Livre*, saíra pela "Pirata" em poucos exemplares. Só agora começo a me informar sobre o que vem acontecendo fora do Recife.

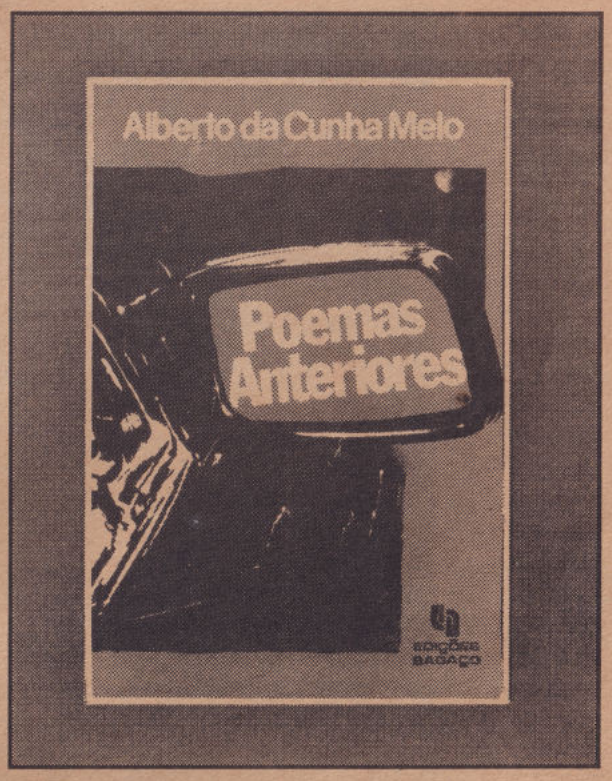
O GALO: Como você analisa os entraves que os poetas e escritores nordestinos enfrentam para publicar?

ACM: Como resultado da indiferença do empresariado nordestino em relação à cultura. O Nordeste já devia ter uma editora de porte e um sistema de distribuição próprio para furar o mercado nacional, principalmente o eixo Rio-São Paulo. É uma questão empresarial. Que Neo-liberalismo se pretende com um empresariado que teme o risco e ainda não perdeu a mania da ciranda financeira e da muleta estatal? A produção intelectual do Nordeste é valiosa e volumosa. O sociólogo Pedro Vicente Costa falou-me que vai criar uma cooperativa de escritores e eu vibrei com a idéia. Sou cooperativista fanático e me lembro que Lênin dizia ser a cooperativa uma das poucas coisas boas do mundo capitalista (pena que as kolkozes tenham sido massacradas pela burocracia). Talvez, depois que a nossa cooperativa saia vitoriosa algum valente empresário queira entrar na concorrência. Quem sabe?

O GALO: Você conhece a poesia norte-rio-grandense?

ACM: Graças ao sociólogo Pedro Vicente Costa, ele sozinho uma instituição cultural itinerante, travei conhecimento com o pessoal da Poesia Processo, na década de 70, especialmente com o espírito privilegiado de Anchieta Fernandes. Nesta década, Pedro me fez tomar conhecimento da poesia precisa de Luís Carlos Guimarães. De outros tempos, conheço Sanderson Negreiros e Dorian Gray (pintor). Quanto aos violeiros repentistas, conheço alguns luminares como Antônio Lisboa, José Cardoso e Severino Ferreira. Minha lembrança da terra de Cascudo não faz jus a sua grandeza, mas andei enfurnado, conheço também pouco dos outros Estados.

O GALO: Como você entende o papel dos suplementos literários, como o norte-rio-grandense O GALO?



ACM: Já falei de raspão na sua importância para aproximar os escritores nordestinos. Esta entrevista, mesmo, é um bom exemplo. Mas, eu tenho uma opinião sobre suplemento que muita gente, boa, inclusive, diverge. Vejo suplemento literário, tratando só de literatura, como algo meio corporativista. defendo mais o suplemento cultural - onde além da literatura, você tem a dança, o teatro, as artes plásticas, o cinema, o folclore etc. O teatrólogo também se interessa por literatura e o escritor se interessa por teatro. Outra coisa. Vejo também o suplemento como jornalismo cultural, onde se procura flagrar o momento, registrar a importância histórica do momento. É preciso combinar textos transtemporais com textos temporais, dando prioridade aos segundos.

O GALO: De onde derivam os motivos principais de sua poesia?

ACM: tenho dito em minhas entrevistas paroquais no Recife que vivo tentando escrever a poesia que gostaria de ler. Não há coisa pior que um mau poema. É preferível uma bula de remédio. A poesia, no meu entender, é algo extremamente refinado (para usar aqui um termo meio vicioso de José Guilherme Merquior). É a tecnologia de ponta da palavra, a sintonia fina da linguagem humana. Ora um rarefeito solfejo angelical, ora uma irada trombeta do Juízo Final. Pouco importando. Importa-me que seja clara, rara e bela, como um fio de água mineral no deserto.

Nelson Patriota é jornalista. Editor de O Galo.

Foto: Vavá Ribeiro

GENETLÍACO PARA CHICO SCIENCE

Gustavo de Castro

"Eu cruzava o bulevar, com muita pressa, chapinhando na lama, em meio ao caos, com a morte na minha direção, de todos os lados".
Baudelaire

Genetlíaco significa nascimento e vem do grego genethliakós. O termo dá significado a celebração de um nascimento, uma gênese que aflora um novo ser ou um novo acontecimento e que irrompe sempre dos elementos dados da vida, numa cadeia sem fim nem começo. Mas genetlíaco pode ser utilizado também para designar aquele que prevê o futuro pela observação dos astros, aquele que percebe as mudanças, os movimentos e as transformações em seu meio. Esse texto pretende-se, portanto, um genetlíaco à Chico Science e não um epitáfio como poderia parecer de imediato. Pretende-se a comemoração do nascimento pós-morte de um mangrove spirit em meio ao cenário musical, tendo como parâmetro de análise para tanto a percepção e a inovação contidas nos seus dois trabalhos: Da Lama ao Caos e Afrociberdelia.

A obra de Science é uma obra viva, um acontecimento ainda presente e que conseguiu de alguma forma perceber as mudanças, captar os fragmentos sonoros, sintonizar e efetuar transformações à sua volta. Após a sua morte, percebe-se que há um genetlíaco da potência e que sua música faz parte hoje de um movimento re-criador, seja de sons ou audácias, que permanecem vivos e atuais entre os apreciadores de uma música transversal, àquela música que é matriz de todos os híbridos e de todas as mixagens. Foi essa matriz híbrida que Chico captou como ninguém ao rejuntar sons, balancear atmosferas e propor uma re-significação à MPB: o mangue bit. O local (mangue) visto como a síntese da variedade de informações, o bit. É o local que registra em si uma história, mas também uma variedade de informações e significados do global e planetário.

A obra de Science foi um caldeirão onde ele pôs para ferver tudo o que era aleatório e, como um bruxo dos ritmos, degustou e nos ofereceu de sua mistura. "E somente quando o acaso está cozido no ponto é que lhe dou as boas-vindas para fazer dele meu alimento". (Nietzsche em Assim Falou Zaratustra). O que deve ter intrigado os alemãs na música de Science? Tenho uma hipótese: as diferentes misturas. Science captou, no seu dia-a-dia, a necessidade de conexão dos vários balanços e sua arte nada mais é que o resultado disso. Ele não é, no entanto, o primeiro a captar essa expressão contemporânea da música pop, muito embora tenha-o feito com significativa competência.

Science é, ele mesmo, o resultado de um cotidiano multifacetado da confluente e rica cultura popular pernambucana. Com um pequeno olhar sobre os fatos e elementos da sua vida cotidiana, podemos descobrir outros elementos que explicam sua pluralidade musical. Mas afinal o que estamos chamando de vida cotidiana?

Em toda sociedade há uma vida cotidiana e todo homem, esteja ele onde estiver, possui também uma cotidianidade, um movimento contínuo de instantes e acontecimentos que se sucedem invariavelmente. Toda a história está submetida a exigência de uma vida cotidiana e não há quem não a compreenda como àquela dimensão mais próxima, imediata e concreta no mundo vivido.

O cotidiano sempre foi visto, desde Luckcas, na filosofia e na sociologia, como um tema menor, uma faceta alienada, senso comum não-emancipador e, portanto, desprezível de uma investigação mais detalhada. Somente Agnes Heller e Karel Kosik, conseguem em a Sociologia da Vida Cotidiana e Dialética do Concreto, respectivamente, retomar o tema, apesar da estranheza da ortodoxia do pensamento. Na atualidade, Maffesoli compreende-a com a sua singularidade subterrânea, fundadora da socialidade e de sua respectiva estética.

A vida cotidiana é ainda sinônimo de rotina, de mesmice e de fragmentação da vida, mas podemos entendê-la também como o universo de interações e interferências entre fenômenos, acontecimentos e fragmentos sociais, caracterizados por, digamos, um todo histórico, que reúne a um só tempo as dimensões sociais, psicológicas, culturais, etc, que nos envolvem cotidianamente.

Cotidiano "regido" pela determinação, mas também pela indeterminação; pelo trabalho histórico mas também pelo imponderável da história; pelas necessidades físicas, espirituais e intelectuais, mas também pela contigência do acaso, que desarruma a pretensa linearidade de sua ordem; pela ordem estruturante, mas também pela desordem des-estruturante; pela estratégia, mas também pela tática de movimentação no dia-a-dia[1]; pelo determinado mas também pelo aleatório da casualidade social. A única coisa real no cotidiano, a propósito, são estas conjunções e os perene diálogo entre dimensões opostas e complementares.

Um exemplo possível de ser dado, no universo de possibilidades de investigação do cotidiano musical no país, é, como falávamos no que diz respeito ao movimento mangue bit, surgido em Recife no início da década e ao desempenho de seu principal representante, Chico Science. Ao mesmo tempo que ela (a música) apreende do cotidiano seu conteúdo, devolve-lhe, sob nova forma e novo conteúdo, só que desta vez recriado, re-articulado, em seus diversos fragmentos. É assim que as letras do poeta urbano Chico Science explodem em nosso cotidiano revelando outros cotidianos, como diria Heller.[2]

Science, na verdade, herdou uma cultura fomentada no dia-a-dia do bairro de Rio Doce, na periferia funk do Recife. "Da Lama ao Caos" é um título que invoca a desordem e a necessidade de sobrevivência "na quarta pior cidade do mundo". Science resgata Zapata, Antônio Conselheiro, Lampião e seus cangaceiros como heróis populares e uma de suas canções que fala exatamente sobre esses personagens é quem abre a home-page da frente zapatista de libertação no México. "Bandidos" de ontem e "bandidos" de hoje, continuam a despertar canções incendiárias.

Science traz a música nordestina à cena nacional sob um

novo formato. Facilmente, vai do popular (ciranda, samba) ao balanço dançante das pistas, em uma 'negociação' de ritmos das mais plurais. Maracatu tecno, digamos. Sua inspiração, para não falar do rock, reggae, funk, soul e da batida punk, tem uma filiação mais direta, notadamente em Afrociberdelia, com o balanço do grupo americano US 3 e do hip hop do Bestie Boys, principalmente na sua vertente instrumental. Da mesma forma inspira-se, declaradamente, no Fellini e no Red Hot Chilli Pappers. Quando esteve na Alemanha, Science adquiriu um sem número de trabalhos na linha tecno e sua obra possivelmente iria caminhar nessa direção, visto que há claras manifestações dessa tendência nos seus dois trabalhos.

O mais interessante é que sua música emerge, em todos os sentidos, da lama, como o resultado de um cotidiano multifacetado e "multicolorido" pela proximidade com os manguezais pernambucanos e com sua rica cultura. Ao emergir ele revela, entre facetas e cores, a marca de uma sociedade que vive a margem, na periferia e que tem a sua própria filosofia.

Ele revela cenas e imagens de cotidianos sociais repletos de miséria, pobreza e abandono. Frases como "sobe morro, córrego, beco, favelas", "estou fodido, estou fodido, comia pão todo fodido", são comuns na sua poética velocidade de embolador.

O homem da periferia é um "mulambo" miserável em meio a urbe frenética. O ritmo filosófico somado letras gingadas, dá o resultado de um balanço contagiante e envolvente, pela inteligência com une um e outro. As cenas e imagens reveladas em suas letras têm um tom marcantemente apelativo, mas antes disso, reflexivo e orgânico. Ele fala especificamente de uma realidade de miséria, Recife, enquanto produz um som universal, digamos assim.

A certa altura ele parece se inspirar no filósofo Heráclito e em sua dialética. "Um passo a frente e você já não está mais no mesmo lugar", lembra muito bem o movimento do homem que ao banhar-se no rio já não é o mesmo homem nem o rio o mesmo rio. É o que suas músicas nos revelam: "que flores crescem no lodo", como dizem os orientais.

O cotidiano traçado nas letras de suas músicas mostra uma faceta própria mesmo de quem conhece a miséria pernambucana, de onde vem a banda. Uma identidade constituída em meio ao cotidiano e a força desta cultura popular. Um movimento musical maduro, suingado, forte, de uma energia que não cessa de jorrar... Dialeticamente, também fortelece-se a cada novo passo, a cada desafio, a cada canção e cd lançado. É um movimento de recriação permanente, revisão de trajetos e estratégias[3].

Vemos que a evolução social é tratada de maneira sintomática: o homem disputa a vida com urubus, guabirus, caranguejos, aratus. Disputa até com o semelhante. "Lá ia passando uma véia e pegou a minha cenoura/ aí minha véia deixa a cenoura aqui/ com a barriga vazia não consigo dormir". Mas este mesmo sujeito tem consciência de sua situação e pensa em cair fora dali, mas para onde? Pergunta-se.

Foto: Vavá Ribeiro

Não é fácil viver em meio ao limite do abandono do Estado e das elites que tratam-no como marginal e potencialmente criminoso. Mas para Science a lama é também a insurreição, a revolta de tal realidade. A revolta de viver na miséria induz a um "alguém vai se foder junto comigo", daí avisa em vários momentos: "Tome cuidado, meu irmão". Avisa também que o cotidiano da miséria é moldurada por "maconheiros, traficantes, assaltantes, gente fedendo, ladrão, bandido, prostitutas", etc. "Seus olhos estão em brasa", "fumaçando, fumaçando", diz ele, completando: "Não saca a arma, não..." Retrata, na verdade, um cotidiano violento e marginal.

A temática da violência associada a "malandragem" é uma constante: "vou pegar aquele cara", "vou juntar minha nação", "aqui só tem caranguejo esperto" , "a estrovenga passou perto do meu pescoço", "vinha cinco maloqueiro em cima de um caminhão...", "capoeira da pesada", "eu corri, saí no tombo se não ia me lascá!!!", "ô zé mané!!!", "quando degolaram minha cabeça/ passei mais de dois segundos vendo meu corpo tremendo/ e não sabia o que fazer/ morrer!, viver!, morrer!, viver!"

Mas nem por isso o som de Science não é refinado. Science é poético e ritmado, mostra-se um caranguejo-antenado em todas as suas dimensões do local e do global, ao explorar as principais características da música regional e da world music. Ao fazer uma embolada efervescente, um 'maracatu atômico', um funk psicodélico, uma ciranda espacial, ou, simplesmente, ao explorar o silêncio como o fez na faixa 20 de seu último cd, onde longo 32 segundos de silêncio fazem parte do epílogo da música Samidarish. Tudo isso remexido e azeitado no ritmo alucinante de seu "liquidificador" cultural.

O protesto de Science também parte de seu cotidiano, de Recife, capital nacional da lama. Science explica na introdução de "Da lama ao caos" que Recife está situada abaixo do nível do mar. Isto resultou em uma cidade construida sobre aterros em meio aos manguezais. Recife detém hoje o maior número de desempregados do país, mais da metade de seus moradores residem em meio a favelas e alagados. O Instituto de Pesquisa Populacionais de Washington (EUA) indica que Recife é a quarta pior cidade do mundo em condições de vida. Metade de sua população reside em favelas. São 900 cadastradas pela prefeitura.

É desse cotidiano de miserabilidade social que brota a melodia e os tambores do Nação Zumbi. Há um cotidiano marcante entre os apresentados por Science e sua banda em suas músicas e que merecem ser ressaltados pela relevância e por revelar em rápidos lances, cenas do que parece uma utopia da polis miserável: "um passo no mundo livre", "eu só quero andar sem ser incomodado, andar com umas meninas..." "andar em um mundo sem ter 'sociedade'", (sociedade com aspas), "andar com meus amigos", "o problemas são problemas demais e tem que correr atras da maneira de solucionar", "a TV não tem olhos para te ver...", "Vou sonhando com uma mulher que eu possa encontrar...". São as micro utopias de cada dia, que precisam ser re-alimentadas pelos poetas.

Sua força é como um vômito poético acompanhado do ritmo desenfreado dos tambores tribais do maracatu. Força rítmica sustentada pelo som inconfundível dos tambores, pela guitarra psicodélica, pelo tarol acelerado, pela baixo estridente e pela composição de outros elementos, como rabeca, cavaquinho, metais, entre outros. A percussão em meio ao baião, ao soul, ao rap embolado e anárquico é um elemento a mais nessa composição. Neste jogo de ritmos, ele criou uma espécie de poesia de cordel espacial, galáctica e ainda por cima dançante.

A faixa "O encontro de Isaac Asimov com Santos Dumont no céu" mostra exatamente esse tom cordel unido a tecno melody. O título é claramente inspirado nos folhetins populares, enquanto que o som é pura viagem ao interior cósmico do espaço. "Nada como o firmamento para trazer ao pensamento, a certeza de que estou sólido em toda a área que ocupo / e a imensidão aérea é ter o espaço do firmamento no pensamento e acreditar em voar algum dia". As faixas Samidarish, Salustiano Song, Antenese, Baião Ambiental, entre outras, exploram exatamente a sutileza sampler e conseguem ter, ao mesmo tempo, um pé na tradição e outro nas possibilidades tecno da vanguarda mundial.

Do ponto de vista sócio-cultural, não direi nenhuma novidade: ele foi o que houve de mais genial no cenário contemporâneo da MPB, apesar da mídia nacional continuar silenciosa a essa maestria. Do seu trabalho, muitos frutos podem ser colhidos; com a sua morte, uma semente dançante foi plantada na seara pop do país. Dançemos a esse nascimento, a esse genetliaco.

P.S.: Para quem não teve ainda a oportunidade de ouvir a faixa no. 6 do novo trabalho de Arnaldo Antunes, "O Silêncio" compre, ouça e veja no que resultou a união de duas vanguardas:: Chico Science e Arnaldo Antunes.

Referências bibliográficas:

[1] CERTAEU, Michel. A invenção do Cotidiano, Vozes, Petrópolis, RJ, 1994
[2] HELLER, Agnes. Sociologia de la vida cotidiana. Barcelona: Ed. Península. 1994
[3] Idem CERTAEU, Michel...
[1] CERTAEU, Michel. A Invenção do Cotidiano, Vozes, Petrópolis, RJ, 1994
[2] HELLER, Agnes. Sociologia de la vida cotidiana. Barcelona: Ed. Península. 1994
[3] CERTAEU, Michel. A Invenção do Cotidiano, Vozes, Petropolis, RJ, 1994

Gustavo de Castro, é professor e pesquisador do grupo de estudos da complexidade e do grupo de estudos em meios de comunicação e educação.

Sem script

Hudson Paulo da Costa

Acordei com um conto totalmente escrito. Começo, meio e fim. Pronto, irretocavelmente pronto. Ao pegar a caneta, ao conectar as peças espalhadas, os efeitos camuflados na seqüência de cada período, tudo se evola como fumaça, em meio a um espaço se deslocando meteoricamente em minha cabeça rodopiando sobre a mesa de freqüentadores de um bar chamado Bar do Morcego. Os meus olhos fora da órbita ocular flutuavam dentro de uma garrafa. O garçom tinha um rosto de anfíbio e os bebedores eram insaciáveis. Vampiros conduziam no peito um relógio de longos ponteiros brilhantes que giravam sobre números mudando velozmente.

Consideremos isto talvez um pesadelo. Mas resquícios deste pesadelo permanecem compondo um ambiente de um cenário fixo, deslocado para a parte de uma peça escura que será oculta até um dia ser chamada à luz. Muitos desses sonhos tornam-se contos narrados por um desconhecido. Esfumam-se logo que penso em narrá-los. Estes sonhos estão arquivados em alguma gaveta do meu cérebro. Não sei como contá-los. Os personagens não têm identidade. Tudo termina, mal começa.

Resolvi sentar-me diante de um papel, arrumar um script e começar a desenvolver a narrativa. Já suei, rasguei várias folhas, e tudo está por começar.

Não sei quanto tempo continuarei em busca daquela estória que criei, mas que bastou só acordar para se perder no fundo de um poço. Quanto daria para colhê-la do fundo deste poço que eu sei existir! Ou retirá-la deste espaço em que as estórias vagam em busca de um autor. A fonte da criação...

Os meus livros na estante mostram-me títulos de autores famosos. Abro por acaso alguns livros e ali estão aqueles personagens eternizados. Seus nomes e suas ações marcaram uma época da literatura. Mas, e os personagens abortados! Aqueles que nunca nasceram, nem souberam nascer das mãos do seu autor, onde vivem?

Tento mais uma vez. Vou descobrindo que as palavras são estrelas que precisamos fazê-las brilhar. De um brilho intenso chamado poesia. Olho para o que acabo de escrever e resolvo rasgar. Mas termino deixando o que está escrito, mesmo sem gostar, como se fosse uma mancha.

Volto-me para a minha cabeça rodopiando sobre o balcão de vidro. Os meus olhos estão depositados no fundo da garrafa. Uma substância viscosa no fundo dos copos. Os vampiros bebem e de suas bocas gotejam pingos de sangue. Um velho duende sentado no fundo do bar vai recolhendo estes pingos com o bico de sua pena. Um toco de vela em cima de uma garrafa faz a vez de um abajur. Aproximo-me do duende e ele sorri com os seus dentes pontiagudos dizendo-me que está terminando um conto. Pergunta-me se eu quero ler. Respondo que sim. Ele me entrega os papéis e desaparece. Começo a ler mesmo sem olhos. Nenhum personagem, nenhum enredo. Sem nenhuma surpresa, vejo que é a estória do meu fracasso.

Hudson Paulo da Costa é historiador e ficcionista, nascido em Martins-RN.

CORREIO DO GALO

GETÚLIO ARAÚJO
Ao jornal "O GALO"

Caro Nelson,

Recebi e agradeço o envio de "O GALO", ano IX, nº 3, excelente trabalho da FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO, comandada pelo competente jornalista Woden Madruga.

Venho parabenizá-los pelo excelente suplemento literário, orgulho das letras potiguares.

Continuem se preocupando com a cultura popular de nossa terra e da nossa gente.

Saudações potiguares,

Getúlio Araújo
(médico e artista plástico)
Goiás, 5/4/97

"O Galo" agradece a Getúlio Araújo o envio do livro "Goiás, meio século de poesia - antologia", de Gabriel Nascente. A exemplo da "Antologia Goiana no Século XX", feita por Assis Brasil, o trabalho de Gabriel Nascente não se limita apenas a antologizar versos, mas dá notícia sucinta de cada poeta.

HILDEBERTO BARBOSA

Meu caro editor e amigo
Nelson Patriota

Recebi O Galo, bem editado como sempre. O propósito de regionalização da cultura, a busca do intercâmbio, a ênfase no produto local, na tradição popular, oral... me parecem perfeitamente elogiáveis. Faltava um Suplemento como este no Nordeste. Agora temos. Vamos trabalhar para que ele se mantenha firme e forte.

A nossa entrevista muito me orgulha. O espaço que me foi dado, não mereço. Mas folgo em participar, de certa forma, dessa equipe de poetas e autores nordestinos. Tangenciar o mesmo ambiente em que convivem Jaci Bezerra, Pedro Vicente, Marize Castro, Luís Carlos Guimarães, Paulo Bezerra, Diógenes da Cunha Lima e tantos outros que fazem a vívida literatura desse país salino e solar que é o Nordeste, só me envaidece e me estimula...

Amei a matéria de Manoel Onofre Jr. Bibliófilo, fiquei doido para obter (não sei como) os Estudos Norte-Rio-Grandenses e Ficcionistas do Rio Grande do Norte. A propósito, tenho interesse em contactar com outros autores locais, pois ando desenvolvendo pesquisa sobre a literatura no Nordeste.

Sem mais, fica o meu abraço e a minha gratidão.

Segue um pequeno artigo sobre Luís Carlos Guimarães.

Hildeberto Barbosa Filho
João Pessoa, 30 de abril de 1997

IAPONAN SOARES

Ao poeta Nelson Patriota
Saudações

Por intermédio de um amigo, recebi o primeiro número da nova fase de O Galo, que retorna ao modelo de jornal e, certamente, a uma periodicidade mensal. Parabenizo V. Sa. pela qualidade já alcançada neste primeiro número e devo adiantar-lhe que na qualidade de potiguar, sou testemunha de quanto O Galo, em sua história tem divulgado no País as atividades literárias e culturais do Rio Grande do Norte. Por isso, fico feliz com o seu retorno e lhe desejo vida longa e profícua. Também gostaria de continuar recebendo a publicação.

Com o abraço
potiguar/catarina do

Iaponan Soares
Florianópolis, 28 de abril de 1.997
Caixa Postal 12.204 - CEP 88075-970 - Florianópolis-SC, fone/fax (048) 244-3195

ENCONTRO DE COROS

O Teatro Atheneu de Aracaju-SE, vai sediar no período de 16 a 19 de outubro próximo, o XIII Enacose - Encontro Nacional de Coros de Sergipe, que objetiva, entre outras coisas, reunir os grupos corais dos diversos Estados da Federação, com o fim de preservar, difundir e estimular o Canto Coral, e incentivar ao público o gosto por esta forma de manifestação artística. Poderão participar todos os coros de vozes mistas ou iguais, devendo cada coro apresentar quatro peças de livre escolha. As inscrições podem ser feitas até o dia 13 de junho, e deverão ser enviadas para:

CENTRO DE CULTURA E ARTE - COORDENAÇÃO DO XIII ENACOSE - Av. Ivo do Prado, 612 - Aracaju-Sergipe - CEP 49.015-070. Outras informações poderão ser prestadas através da coordenação do Enacose. Fones: (079) 211-9010 e 211-9457.

HENRIQUE L. ALVES

Caríssimo
Nelson Patriota:

Recebi "O Galo" em sua nova fase, jornal que honra o espírito potiguar, trazendo o diálogo aberto na região, valorizando os novos e ratificando o prestígio dos velhos. Leitura de cabo a rabo, a tomar conhecimento das acontecências poéticas, a entrevista com Hildeberto Barbosa Filho, crônicas, louvor a Dorian Jorge Freire, ensaios no equilíbrio de um suplemento literário perfeito. Não menos importante a biblioteca básica para conhecimento de aspectos do Rio Grande do Norte em suas múltiplas facetas, bibliografia organizada por Manoel Onofre Júnior. Parabéns e sucesso na jornada a ser desempenhada.

Henrique L. Alves
São Paulo, 5 de maio de 1997
Caixa Postal 2665
CEP 01060-970 - São Paulo, SP.

ACYR VERAS

O jornalista Acyr Veras, colunista do jornal "A Província do Pará" , do Pará, onde assina diariamente a coluna "Acyr Veras", remete exemplar da sua coluna do dia 16 de abril passada, que trascrevemos abaixo:

"O fenômeno poético sentou praça no segundo número, relativo a fevereiro, de O Galo, jornal da Fundação José Augusto, do Departamento Estadual de Imprensa (sic). Com o editor Nelson Patriota dando dica sobre a cumplicidade do escritor e dos livros. Altimar Pimentel, da Paraíba, saúda O Livro das Respostas que em Natal fez Diógenes da Cunha Lima, que preside a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, se tornar parceiro do chileno Pablo Neruda, o do Livro das Perguntas. Tem poema do cearense Francisco Sobreira, O Relógio da Construção, "sem ponteiros, vidro e algarismos". E há líricos gregos, Safo e Alceu".

PERSONALIDADE CULTURAL

O escritor norte-rio-grandense Manoel Onofre Júnior recebeu o diploma de Personalidade Cultural da União Brasileira de Escritores-UBE de 1997, juntamente com intelectuais de outros estados. A entrega do título aconteceu no dia 8 de maio último, no Centro Cultural da Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro. A propósito, Manoel Onofre Júnior acaba de tirar do prelo um novo livro, "Espírito de Clã" o qual, como o próprio nome indica, tem tudo a ver com genealogia e a serra de Martins, berço do escritor.

CANGAÇO

Começam no dia 09 de junho próximo, em Mossoró-RN, as comemorações do centenário de Virgolino Ferreira da Silva, o Lampeão. A iniciativa é da Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço-SBEC, presidida pelo pesquisador Paulo Medeiros Gastão. Os eventos prosseguirão até o dia 20 de julho, obedecendo ao seguinte cronograma:

De 09 a 13 de Junho, em Mossoró-RN

De 04 a 07 de julho, em Juazeiro do Norte/CE

De 11 a 13 de julho, em Triunfo/PE

De 18 a 20 de julho, em Serra Talhada/PE.

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO

Caro Woden Madruga,

Congratulamo-nos com Vossa Senhoria pela reedição regular do Jornal "O Galo".

A iniciativa vem ocupar um lugar de destaque que a imprensa comum vem abolindo há quase uma década.

Parabéns pela iniciativa.

Abraço

Silvana Meireles
14/05/97

J. MEDEIROS

O artista multimídia J. Medeiros lança nos próximos dias o livro **"Geração Alternativa - Antilogia Poética Potiguar"**, que reune a produção poética dos anos 70 e 80 no Rio Grande do Norte, envolvendo em seu contexto a poesia desde Jaumir Andrade a Franklin Capistrano. Trata-se da primeira antologia da poesia alternativa produzida nas duas últimas décadas.

CORRESPONDÊNCIA
RUA JUNDIAÍ, 641-TIROL
NATAL/RN
CEP 590202220 FAX(084)221-0342

P/ ABRAHAM PALATNIK

A ÓPERA

ÓPTICA OPERANDO

CINÉTICA

OCELOT

Texto: Dácio Galvão
Arte: J. Medeiros

Prog. Visual: Gilberto Alves